

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCELA CRISTINA BETTEGA



A ESTÉTICA NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL  
SUSTENTÁVEL: UM OLHAR AO CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ - PR

MATINHOS

2018

MARCELA CRISTINA BETTEGA

A ESTÉTICA NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL  
SUSTENTÁVEL: UM OLHAR AO CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ - PR

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável, no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.º Dr. Manoel Flores Lesama  
Coorientador: Prof.º Dr. Ernesto Jacob Keim

MATINHOS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

---

910

B565e Bettega, Marcela Cristina

A estética no contexto do desenvolvimento territorial sustentável : um olhar ao centro histórico de Paranaguá - PR / Marcela Cristina Bettega. – Matinhos, 2018.

100 p.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável) – Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, Matinhos – PR, 2018.

Orientador: Manoel Flores Lesama.

Coorientador: Ernesto Jacob Keim.

1. Estética. 2. Espaço urbano – Paranaguá. 3. Paranaguá – História. I. Lesama, Manoel Flores. II. Keim, Ernesto Jacob. III. Universidade Federal do Paraná. Setor Litoral. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. IV. Título.

---



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR LITORAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DESENVOLVIMENTO  
TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARCELA CRISTINA BETTEGA** intitulada: **A ESTÉTICA NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: um olhar ao centro histórico de Paranaguá**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 29 de Março de 2018.

MANOEL FLORES LESAMA

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

EDUARDO ROCHA

Avaliador Externo (UFPEL)

MARCIA REGINA FERREIRA

Avaliador Interno (UFPR)



Aos visionários, que enxergam mais que o imediato  
e alcançam o infinito.

## AGRADECIMENTOS

Quando decidi participar do processo seletivo do programa de Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável, não tinha dimensão real do movimento que isso geraria em mim e em volta. A vida se transformou nesses dois anos várias vezes, em muitos aspectos. Essas transformações, às vezes fatais - porque encerram ciclos - e assustadoras, ficam menos sombrias e mais doces quando não se está só.

Gostaria de agradecer aos que não me deixaram só, mesmo quando a rotina de escrita demandou solidão:

Ao Prof.º Dr. Luiz Panhoca, que me fez acreditar que o meu olhar e minhas pesquisas apontavam para algo digno de uma dissertação.

À Tatyane Ravedutti e Veridiany Filus, pela incomensurável ajuda e apoio no texto do pré-projeto.

Aos colegas da turma de 2016, guerreiros e parceiros. Um agradecimento especial à Nubya Cavalini e Natália Esteves que leram e releram incontáveis vezes a pesquisa, sempre com olhar atento e com muita generosidade.

Pelas parcerias cotidianas e conversas profundas: Diego Kochinski, Tayanghi Los, Tatiana Kleinübing, Marcio Costa e Karina Brunetti.

Ao Prof.º Marcelo Chemin, por ter me acompanhado como orientador em parte desse processo, e por sua generosidade e humildade em aceitar a mudança de rumos no trabalho.

Aos Professores Manoel Flores Lesama e Ernesto Jacob Keim, pela disposição, confiança e coragem em aceitar uma troca de orientação com menos de cinco meses antes da defesa.

Aos amigos, superamigos, que me acolheram desde que cheguei a Paranaguá, os quais se transformaram em família: Féris, Mara, Lili, Ruddy, Rogério; ao Ivan Ivanovich, que gentilmente me levou pra aula nos dias que não pude andar; à Adriana Alves, pelas inúmeras conversas sensíveis sobre o patrimônio de Paranaguá e sobre o viver.

A todos os muitos quilômetros de textos que li durante a vida toda, à minha avó (Aldira – in memoriam), minha madrinha (Emy– in memoriam) e minha mãe

(Luiza– in memoriam) por terem me feito acreditar que o estudo era a coisa mais valiosa que eu poderia ter e uma riqueza que ninguém poderia roubar.

Ao corpo docente e técnico da UFPR Litoral, do MAE/UFPR e do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

Ao Leonardo Bittencourt, pelo apoio técnico nas traduções.

A todos que, direta e indiretamente, contribuíram para este processo.

E à Lívia, pelo alimento e acalanto d'alma.

“Olhar para um abandono é um desabandonar.”

Eduardo Rocha

## RESUMO

A presente pesquisa propôs-se a construir um referencial teórico subsidiado na teoria Estética de Friedrich Schiller, no conceito de Partilha do Sensível de Jacques Rancière e nas proposições do Direito à Cidade de Henry Lefebvre, colocando-os em diálogo com alguns teóricos do Desenvolvimento Territorial Sustentável. A partir deste arcabouço teórico, foi proposta uma leitura sobre o Centro Histórico de Paranaguá, considerando o Palacete Visconde de Nácar como recorte. A escolha deste referencial deu-se de modo a conseguir responder de maneira sensível, poética e científica à pergunta/problema: “Qual o potencial inerente aos recursos urbanísticos de um centro histórico - referenciado na estética do espaço/pensamento estético - para ampliar a perspectiva cultural que ampare premissas de desenvolvimento?”. A partir disso, procurou-se compreender a estética do espaço/pensamento estético como possibilidade de eclosão e desenvolvimento cultural como condição ao DTS, através da identificação do modo de percepção das pessoas que convivem em um centro histórico urbano, da importância estética, histórica e cultural das edificações patrimonializadas. Para a leitura dos dados foram propostos “7 princípios estéticos para a análise do território”. Às conclusões que se chegam demonstram que o pensamento estético é um recurso, ao mesmo tempo em que é premissa para a criação de novas alternativas e leituras possíveis ao desenvolvimento sustentável dos territórios.

**Palavras-chave:** Estética. Desenvolvimento Territorial Sustentável. Centro Histórico.

## ABSTRACT

The present paper proposes to build a theoretical referential subsidized on Friedrich Schiller's Aesthetics Theory, Jacques Rancière's Distribution of the Sensible and Henry Lefebvre's propositions from Right to the City, putting them into a dialogue with some theoreticians of the Sustainable Territorial Development. From that, a reading from this theoretical framework about the Historical Center of Paranaguá, considering the Palacete Visconde de Nacar as a cut, was proposed. The choice of the theoretical referential took place as to being able to answer in a sensitive, poetic and scientific way to the question / problem: "What is the inherent potential of the urban resources of a historical center - referenced in the aesthetics of space / aesthetic thinking - to broaden the cultural perspective that supports development premises? From it, the problematic of understanding what is a historical center's inherent potential of urbanistic resources, referred in the space aesthetics, in order to increase the cultural perspective which support development premises. It was sought to identify how citizens perceive the Historical Center and its possible potentialities through a structured questionnaire, that was elaborated and applied electronically. For the reading of the data were proposed "7 aesthetic principles for the analysis of the territory". The conclusions drawn demonstrate that the aesthetical thinking is a resource and at the same time a premise for the creation of new alternatives and possible readings for the sustainable development of the territories.

**Key-words:** Aesthetics. Sustainable Territorial Development. Historical Center.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE PARANAGUÁ .....	35
FIGURA 2 - CASARIO NA RUA DA PRAIA .....	38
FIGURA 3 - PALACETE VISCONDE DE NÁCAR.....	38
FIGURA 4 - ENTORNO DO PALACETE VISCONDE DE NÁCAR.....	39
FIGURA 5 - IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS .....	39
FIGURA 6 - MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA .....	40
FIGURA 7 - SOBRADOS DA RUA DA PRAIA .....	40
FIGURA 8 - PALACETE VISTA INTERNA ATUAL .....	45
FIGURA 9 - PALACETE VISCONDE DE NÁCAR- INTERIOR ATUAL .....	45
FIGURA 10- PALACETE VISCONDE DE NÁCAR – INTERIOR ATUAL .....	46
FIGURA 11 - MONUMENTO CARANGUEJO .....	47
FIGURA 12 - SOBRADOS RUA DA PRAIA .....	56
FIGURA 13 - PERCURSO DO ROTEIRO EDUCATIVO DOS ABANDONOS .....	63
FIGURA 14 - PALACETE VISCONDE DE NÁCAR.....	64
FIGURA 15 - CASARIO RUA DA PRAIA .....	65
FIGURA 16 - SOBRADO COLONIAL.....	66
FIGURA 17 - EDIFÍCIOS RUA XV DE NOVEMBRO.....	67

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - CLASSIFICAÇÃO DE MORADIA.....	52
GRÁFICO 2 - ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS .....	53
GRÁFICO 3 - VOCÊ APROVARIA A DEMOLIÇÃO DO SETOR HISTÓRICO PARA CONSTRUÇÃO DE NOVOS EDIFÍCIOS E CASAS?.....	53
GRÁFICO 4 - QUANDO OLHA PARA O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ, QUAIS SENTIMENTOS LHE VÊM À TONA? .....	54
GRÁFICO 5 - QUAL PATRIMÔNIO ESCOLHERIA COMO SÍMBOLO DA CIDADE?... .....	55

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PRINCÍPIOS ESTÉTICOS DE ANÁLISE .....	20
QUADRO 2 - ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR PRINCÍPIOS.....	57

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- CH - Centro Histórico
- IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
- SEEC - Secretaria de Estado da Cultura
- SIBI - Sistema Integrado de Bibliotecas
- SÉC. - Século
- trad. - Tradutor

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1. PROBLEMA E OBJETIVOS .....	16
1.1.1. OBJETIVO GERAL .....	17
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	17
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>21</b>
3.1. REFERENCIAL TEÓRICO .....	21
3.1.1. ESTÉTICA, CIDADE E PARTILHA DO SENSÍVEL .....	21
3.1.2. ESTÉTICA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL.....	23
3.2. REVISÃO DE LITERATURA.....	31
<b>4. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO: O CENTRO HISTÓRICO PARANAGUÁ- PR - PALACETE VISCONDE DE NÁCAR.....</b>	<b>35</b>
4.1. SOBRE O PALACETE VISCONDE DE NÁCAR.....	41
4.2. O CENTRO HISTÓRICO SOB A PERSPECTIVA DA ESTÉTICA E DO DTS.....	48
<b>5. CENTRO HISTÓRICO E PALACETE VISCONDE DE NÁCAR SOB A ÓTICA DOS ENTREVISTADOS – ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>52</b>
<b>6. O ABANDONO COMO RECURSO POÉTICO, ESTÉTICO, EDUCATIVO ....</b>	<b>60</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
7.1. RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	71
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE A - COMO VOCÊ VÊ O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ? .....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO A – MATÉRIA JORNALÍSTICA: ABANDONADO, PALACETE QUE HOSPEDOU DOM PEDRO VIRA CASA PARA POMBOS EM PARANAGUÁ .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO B – MATÉRIA JORNALÍSTICA: PALÁCIO VISCONDE DE NÁCAR TEM GRANDE ÍNDICE DE DEPREDÇÃO .....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO C - TERMO DE COOPERAÇÃO – DOAÇÃO DA ESCULTURA DO CARANGUEJO .....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO D- MATÉRIA JORNALÍSTICA: CONSTRUÇÃO DE NOVO PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA COM RECURSOS DO BID .....</b>	<b>88</b>

<b>ANEXO E: TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO: QUANDO OLHA PARA O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ, QUAIS SENTIMENTOS LHE VÊM À TONA? .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO F: TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO: NA SUA OPINIÃO QUAL A IMPORTÂNCIA DO CENTRO HISTÓRICO PARA A CIDADE? .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO G: TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO: O QUE ESTE EDIFÍCIO REPRESENTA PARA VOCÊ? .....</b>	<b>97</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pesquisa quais as relações possíveis entre a teoria Estética, a Cidade, o Desenvolvimento Sustentável e o Centro Histórico de Paranaguá. Para isso, propôs-se a construir um referencial teórico subsidiado na teoria Estética de Friedrich Schiller (2002), no conceito de “Partilha do Sensível” de Jacques Rancière (2005) e nas proposições do “Direito à Cidade” de Henry Lefebvre (2011), colocando-os em diálogo com alguns teóricos do Desenvolvimento Territorial Sustentável. Esta construção teórica embasa uma leitura do Centro Histórico de Paranaguá e do Palacete Visconde de Nácar, a partir da subjetividade de seus habitantes, no intuito de compreender qual é a percepção dos mesmos em relação a este espaço e como o pensamento estético pode contribuir como agente de compreensão no aperfeiçoamento do convívio social entre os cidadãos e sua interação à vida urbanizada.

Lefebvre (2011, p. 19) sugere que o “tecido urbano” não se limita à sua morfologia, ao se considerar que na base econômica aparecem fenômenos de uma e outra ordem e de um e outro nível, o da vida social e da “cultural”. Este autor trata a cidade como obra e, portanto, seu valor como de uso, considerando que:

O uso principal da cidade, isto é, das ruas, das praças, dos edifícios, dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro). (LEFEBVRE, 2011, p.12)

Tanto a festa quanto a cidade, para Lefebvre (2011), são espaços onde é possível abrigar o que Rancière (2005, p. 7) chama de partilha do sensível, isto é, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. A Cidade, considerada obra por Lefebvre (2011), é estética, ética e política. Vale lembrar que, para Schiller (2002), uma obra de arte é a comunhão da razão e da sensibilidade, onde potencialmente está a condição de humanidade e de beleza. Para este autor, sem beleza não há humanidade, sem humanidade não há beleza. Para ele a beleza é como encarnação da razão sensível, caracterizada como forma sensível encarnada.

No capítulo que concerne ao referencial teórico, os conceitos-chave desses três autores serão relacionados ao tema em estudo e serão aprofundados a fim de

constituir o tecido basal desta dissertação, no que se refere às questões estéticas e do espaço.

A cidade é lugar de encontro e conexões entre as pessoas, bem como entre estas e seu entorno. Nesse contexto, as pessoas, ao serem conectadas como cidadãos, estão vinculadas a aspectos sobre os quais não têm domínio; isto porque ser cidadão significa estar vinculado às regras que organizam a cidadela. Por isso, o cidadão é a pessoa com liberdade, autonomia e emancipação, parametrizada ao que a legislação, os costumes e a cultura estabelecem para a convivência na cidadela.

A perspectiva de uma estética do espaço parte da premissa da Cidade ser fruto de um processo dinâmico vinculado à historicidade e à cosmovisão, o que de certa forma compõe a dimensão subjetiva desta investigação.

Existem autores que defendem que a identificação e valorização do potencial dos territórios são estratégias para o desenvolvimento territorial e que estas, por sua vez, dependem da articulação dos atores/agentes, diante e em relação a estes territórios. (PEQUEUR, 2005; ZAOUAL, 2003, LEFEBVRE, 2011)

É neste lugar, neste processo de reconhecimento e valorização dos potenciais dos territórios que cabe debater a Estética do Espaço como conceito a ser incorporado nos debates sobre o Desenvolvimento Territorial, com base nos autores já citados. Dessa forma, a proposição de diálogo entre estes conceitos se caracteriza como foco da pesquisa.

A cidade de Paranaguá se caracteriza como sede do principal porto paranaense, de tal forma que sua história pode ser confundida com a própria história do país – extração de ouro, tráfico de escravos, ciclo do café, da erva mate, dos grãos. O Centro Histórico é protegido - através de tombamentos e cartas de interesse de proteção - pelas esferas federal, estadual e municipal, premissas que evidenciam valor estético e histórico da arquitetura urbana.

A delimitação desta investigação, no que se refere à materialidade operacional, volta-se ao Centro Histórico de Paranaguá, com a observação baseada no Palacete Visconde de Nácar, edifício do Séc. XIX que fora construído com intuito de se tornar sede do poder provincial e que nos dias de hoje encontra-se abandonado.

Ao caminhar por este Centro, aos poucos a cidade se revela na medida em que muitos destes exemplares arquitetônicos, representantes dos sonhos de

outrora, encontram-se em estado de abandono. A forma do Centro Histórico evidencia a ação do tempo, bem como o diálogo entre o tempo-passado e o tempo-presente. Condição esta que provoca um estado permanente de reflexão, de modo que estes abandonos acabam como que nos convidando a pensá-los como potenciais recursos – estético, ético, político, poético, educativo e, por consequência, de desenvolvimento cultural.

Desde que cheguei a Paranaguá, há pouco mais de seis anos, a forma e a dinâmica da cidade me chamaram a atenção. Mas foi em 2013, enquanto ciceroneava a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Eliana Yunes, Professora do Departamento de Letras da PUC/RJ, que estava na cidade para uma palestra, que surgiu a pergunta motriz para todo o processo deste trabalho. Em determinado momento do passeio, a professora para no meio da rua, diante da Igreja Matriz, vira-se e interpela: “Quando esta cidade deixou de ser amada?”

Pergunta que gerou silêncio e inquietação. Não havia resposta. Eu morava em Paranaguá há pouco mais de um ano e quase nada sabia de sua história. Todavia, os inúmeros edifícios abandonados e os em “quase” abandono também chamavam a atenção. A visível falta de manutenção de praças, jardinetes, canteiros, também diziam algo que até então não havia sido nomeado.

“Quando esta cidade deixou de ser amada?”, pergunta que ressoava permanentemente. Aos poucos, conhecia pessoas e contava essa história, e tentava descobrir alguma pista. Nessa busca, duas conversas valem ser apresentadas, pois permitem reflexões mais aprofundadas em torno do espaço do Centro Histórico.

Certa vez, conversando com um senhor, que atua como advogado da Associação Comercial de Paranaguá há mais de 50 anos, relatei a história da visitante “estrangeira”. Ele riu-se e disse que era fácil de responder: Na década de 1970, com o fim do ciclo do café, as famílias “endinheiradas” foram embora da cidade, deixando para trás os edifícios que outrora abrigavam e ostentavam o poder.

N’outra ocasião, conversando com um Mestre Fandanguero<sup>1</sup>, morador da Ilha dos Valadares<sup>2</sup>, ao se falar sobre o Patrimônio Histórico da Cidade, ele dizia que

---

<sup>1</sup> Mestre Fandanguero é o responsável pela manutenção e difusão da tradição do Fandango, seja através da música, da luteria ou do bailado.

<sup>2</sup> A Ilha dos Valadares é um “bairro” insular de Paranaguá, ligada ao continente por uma ponte de 400 metros, lá é onde estão sediados os grupos de Fandango e uma parte grande de sua população é provinda de outras ilhas do entorno, tendo uma característica cultural caíçara bastante evidenciada.

o caiçara não se reconhecia naquilo, ou seja, o patrimônio não se configura como herança, pois não era casa de alguém afetivamente importante. Ninguém tinha crescido ali, ou seja, ninguém tinha o hábito de tomar café na casa de uma avó, de uma tia ou de outros parentes que ocupavam aqueles imóveis. Segundo ele, por mais que alguns pudessem até considerar a beleza daquelas edificações, há os que pensam se tratar de um monte de “prédios velhos”, como comumente se ouve em conversas corriqueiras, pois se percebe nitidamente que para o caiçara<sup>3</sup> não há uma relação afetiva com aquele espaço.

Aparentemente, os laços afetivos e as relações de pertencimento com o espaço do Centro Histórico há muito se desfizeram, pois, as percepções descritas até aqui, assim como a organização deste trabalho, foram realizadas por “estrangeiros” com “olhar do estrangeiro”, que para Peixoto in Novaes (1988, p. 363) é o olhar:

Daquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tem aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. Todo um programa se delinea aí: livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são. (PEIXOTO in NOVAES, 1988, p. 363)

O olhar do estrangeiro, e eu me incluo nesta descrição, sob esta acepção, funciona como um “disparo”, como o reflexo de um espelho com capacidade de outros reflexos, porém, é o olhar daquele que convive cotidianamente com o espaço - e “não pode mais perceber seu entorno” - que se caracteriza como foco do trabalho. O que estas pessoas veem nesses edifícios abandonados? Neste Centro Histórico, qual a história que lhes faz sentido? A história deste local representa de algum modo a própria história individual? Estas são algumas perguntas que subsidiaram a definição do problema e dos objetivos de pesquisa a seguir.

## 1.1 PROBLEMA E OBJETIVOS

Com base nesta apresentação, esta pesquisa busca compreensões e aproximações que atendam ao que está enunciado no seguinte problema: Qual o

---

<sup>3</sup> Dá se o nome de caiçara aos habitantes tradicionais do litoral sul e sudeste do Brasil.

potencial inerente aos recursos urbanísticos de um centro histórico, referenciado na estética do espaço, para ampliar a perspectiva cultural que ampare premissas de desenvolvimento?

Com base neste enunciado, temos o seguinte propósito geral desta investigação:

#### 1.1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a estética do espaço como possibilidade de eclosão e desenvolvimento cultural como condição ao DTS.

#### 1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como consequência do propósito geral, existem os seguintes propósitos decorrentes:

- a) Identificar a compreensão de pessoas que convivem em um centro histórico urbano, da importância estética, histórica e cultural das edificações patrimonializadas, no recorte do Palacete Visconde de Nácar.
- b) Sensibilizar os habitantes em relação às questões referentes à paisagem, para fomentar o reconhecimento destes habitantes como pertencentes ao espaço e agentes/atores ativos em seu desenvolvimento.
- c) Promover, por meio do pensamento estético, a apropriação cultural inerente aos espaços urbanos.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se como pesquisa social qualitativa. A pesquisa de abordagem qualitativa permite aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Em Gerhardt, Silveira (2009) a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A metodologia desta pesquisa se caracterizou como pesquisa bibliográfica, de experiências da e com a cidade; observação e registro de imagens - de modo a construir indicadores que sustentem a análise em dados coletados em pesquisa de campo, no que concerne à percepção dos entrevistados sobre o Centro Histórico de Paranaguá e Palacete Visconde de Nácar.

Conforme levantamento do estado da arte realizado, percebeu-se que os autores que pesquisam a percepção do espaço urbano e se utilizam de uma abordagem qualitativa fazem uso de instrumentos diversos. O uso de entrevistas estruturadas, semiestruturadas e parcialmente estruturadas, bem como o uso de questionários em alguns casos, apresentam-se como instrumentos e técnicas mais adequadas para este tipo de abordagem. (ALMEIDA, 2007; FEIBER, 2007; LYNCH, 1997; SOUZA, 2013)

Assim, partilhamos dos referenciais levantados e encaminhamos de modo semelhante neste trabalho. O roteiro do questionário foi formulado a partir das contribuições dos trabalhos de Almeida (2007), Souza, (2013) e Souza (2011), e encontra-se completo no APÊNDICE A.

O questionário elaborado para a coleta foi estruturado de modo a responder os questionamentos acerca do objeto de estudo, primeiramente ao objetivo específico que busca entender “Qual a compreensão de pessoas, que convivem em um centro histórico urbano, da importância histórica e cultural das edificações patrimonializadas, no recorte do Palacete Visconde de Nácar” e, posteriormente, às hipóteses que foram formuladas de que não há laços afetivos entre os moradores e o Centro Histórico, e de que haveria uma pré-disposição destes à demolição do



Centro Histórico para a construção de novos edifícios, conforme ouvido em muitas conversas informais.

Esse questionário foi elaborado no suporte eletrônico do Google Docs/Formulário e publicado através das redes sociais - Whatsapp e Facebook - para contatos em comum, bem como para grupos de relevância com membros heterogêneos, e ficou cinco dias aberto para recepção de respostas a serem obtidas por livre adesão. Dado o tempo, somaram-se 67 (sessenta e sete) questionários respondidos.

A escolha do questionário enquanto técnica de pesquisa se deu por otimizar tempo e recursos, o que possibilitou a uniformidade e rapidez na avaliação das respostas. Além disso, a ferramenta de suporte do mesmo permitiu ágil tabulação e transcrição de respostas. (SOUZA, 2011)

A pesquisa compreendeu três partes principais, a primeira parte tratou de dados de qualificação: se morador, usuário (aquele que estuda ou trabalha em Paranaguá, mas mora em outro município) ou morador, proprietário de bem patrimonial; tempo de moradia, idade, gênero e escolaridade. A segunda parte foi concebida a partir de perguntas abertas em torno do Centro Histórico, buscando recolher informações de como são as relações e impressões que os entrevistados têm do referido espaço. A terceira parte tem perguntas específicas sobre o Palacete Visconde de Nácar, no intuito compreender qual o nível de conhecimento que os entrevistados tinham do referido edifício e sua importância histórica.

A pesquisa não solicitou identificação, mas deixou aberta a inserção de endereço de e-mail para devolutiva, houve 29 solicitações para envio. A análise das perguntas abertas demandou transcrição prévia. Além disso, foi realizada a partir da fala direta dos entrevistados e o que a fala revela *per sí*, e a partir de alguns princípios da estética/pensamento estético elaborados a partir do referencial teórico construído, a saber: (TABELA 1).

QUADRO 1 - PRINCÍPIOS ESTÉTICOS DE ANÁLISE		
Princípio 1	Beleza como condição de humanidade	É um princípio que engloba todos os demais. Caracteriza-se quando a forma e a função do espaço podem ser percebidas em conjunto e em relação com as pessoas e entre as pessoas. É a experiência fruto da sensibilidade e da razão.
Princípio 2	Razão sensível na percepção do Centro Histórico	Caracteriza-se quando o espaço é percebido em sua função de uso e elementos afetivos, mnemônicos e formais são apontados pelo discurso.
Princípio 3	Sentimento de pertencimento	Caracteriza-se quando o espaço é vinculado às próprias origens, e à história pessoal e individual, baseando-se na ideia de pertencimento universal proposta por Schiller (2002).
Princípio 4	Noção de “todo” temporal, ou seja, reconhecimento/responsabilidade histórica.	Caracteriza-se pela compreensão da dimensão histórica do espaço urbano e o reconhecimento desta temporalidade com o cotidiano.
Princípio 5	Partilha do sensível, ou seja, noção do espaço comum.	Este princípio, baseado no conceito homônimo de Rancière (2005), caracteriza-se pela compreensão do espaço urbano como conjunto comum partilhado, local de participação com recortes e quinhões definidos. É quando se sabe e sente-se responsável pela coletividade.
Princípio 6	Cidade como lugar de encontro	Considerando o conceito de Direito à Cidade de Lefebvre (2002), este princípio caracteriza-se como a compreensão do Centro Histórico como local de (re) encontro e de trocas humanizadas, onde o uso dos espaços é feito em prol das relações e não das funções. É a compreensão de um direito à vida urbana, e um reencontro com o próprio viver.
Princípio 7	Centro histórico como “devir”, como potencial – cultural turístico e econômico.	Caracteriza-se pela percepção das potencialidades a serem desenvolvidas no território. Tem-se capacidade de identificação e indicação de soluções.

FONTE: A autora (2017)

Os dados analisados substanciam as considerações finalizadoras da pesquisa. O produto gerado pela pesquisa se caracteriza pela dinâmica e pelo potencial analítico e investigativo impresso neste texto, para viabilizar a compreensão de como o pensamento estético pode ser tratado como abordagem para análise da vida social e cultural em espaços urbanizados. Dessa forma, o produto se mostra como uma base teórica que fundamenta aspectos investigativos da estética em espaços urbanizados que caracterizem reflexão crítica sobre o DTS.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo aprofundaremos os conceitos básicos de Schiller, Lefebvre e Rancière de modo a construir uma base conceitual uníssona em relação à Estética, e a esta estendida ao espaço. Apresentaremos, também, algumas aproximações possíveis destes com alguns dos teóricos do Desenvolvimento Territorial Sustentável.

##### 3.1.1. ESTÉTICA, CIDADE E PARTILHA DO SENSÍVEL.

A beleza teria de poder ser mostrada como uma condição necessária da humanidade. (SCHILLER, 2002, p.56)

Para Schiller (2002, p.56) o conceito de humanidade, em sua mais sublime acepção, é condicionado à beleza. Beleza, para este autor e no desenvolvimento deste trabalho, deve ser compreendida como vida manifestada nas formas, como ato do estético, como experiência fruto da comunhão entre sensibilidade e razão. Razão sensível e sensibilidade consciente concomitantes, cuja prática desta condição busca no fazer e na percepção da experiência a verdade das formas. Verdade aqui no sentido de genuíno e essencial.

Rancière (2005, p. 34) também aponta este imperativo do estado estético:

O estado estético schilleriano, que é o primeiro - e, em certo sentido, inultrapassável - manifesta desse regime, marca bem essa identidade fundamental dos contrários. O estado estético é pura suspensão, momento em que a forma é experimentada por si mesma. O momento de formação de uma humanidade específica. (RANCIÈRE, 2005, p. 34)

A experiência do belo nos coloca diante de uma universalidade, uma vez que na apreensão estética das partes é possível o conhecimento do todo e, por conseguinte, o sentimento de um pertencimento universal - daí da condição de humanidade. (SCHILLER, 2002. p. 60)

O pensamento estético se apropria do conhecimento universal, daquilo tudo que veio antes de mim e que, inevitavelmente, faz este pensar específico ser

possível hoje. Um vislumbre de futuro a partir de uma interiorização de todo passado alcançável e compreensível. É a apresentação da humanidade ao humano.

Importante esclarecer que para Schiller (2002, p.11) a beleza é aquela apreendida pela e na experiência, dialógica desde o início, uma vez que a ideia de beleza é una e indivisível.

A beleza na ideia, portanto, é eternamente una e indivisível, pois pode existir um único equilíbrio; a beleza na experiência, contudo, será eternamente dupla, pois na variação o equilíbrio poderá ser transgredido por uma dupla maneira, para aquém e para além. (SCHILLER, 2002, p. 11)

A beleza, portanto, sendo dialógica, também é política para Schiller (2002, p. 140):

Só a bela comunicação unifica a sociedade, pois se refere ao que é comum (...). Não devemos, portanto, ampliar nossas alegrias sensíveis a alegrias universais, porque não podemos tornar nosso indivíduo universal. (SCHILLER, 2002, p.140)

Esta ideia do sujeito individual singular dialético a outro sujeito na mesma condição nos abre a ideia de encontro e partilha.

Para Rancière (2005, p. 68) o modo estético do pensamento [...] é uma ideia do pensamento, ligada a uma ideia da partilha do sensível. A cidade, sendo espaço de encontro, é também o lugar desta partilha. Para este autor:

Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a partilha do sensível que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. (RANCIÈRE, 2005, p.7)

E complementa:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. [...] Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outras tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2005, p.15)

E é sob a dialética da beleza que pensaremos/abordaremos a Cidade e o Centro Histórico. Lefebvre (2011) considera a cidade como obra e, portanto,

estética, pois se constitui a partir de um pensamento complexo de saberes, fazeres, subjetividades, desejos simultaneamente encontrados/enredados física e simbolicamente.

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, obra é valor de uso e o produto valor de troca. (LEFEBVRE, 2002, p. 12)

A cidade feita por e para o humano, também é humana; obra enquanto construção e como atmosfera/ambiente do viver. Nesta acepção, espaço de partilha do sensível. Coisa feita se (re) fazendo, realidade que é aperfeiçoada perenemente. Para Schiller (2002, p.13) esta condição de aperfeiçoamento da realidade é intrínseca ao pensamento estético.

Lefebvre (2002, p. 22) considera que:

A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos padrões que coexistem na Cidade. (LEFEBVRE, 2002, p. 22)

O Direito à Cidade, proposto por Lefebvre (2002, p. 139), é um reencontro com o próprio viver, é o direito à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais.

O pensamento estético, este “reempoderamento” da Cidade e sua partilha sensível, vão ao encontro de muitas premissas do Desenvolvimento Territorial Sustentável. Apresentaremos estas aproximações a seguir.

### 3.1.2. ESTÉTICA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

Sabemos que a sensibilidade da mente depende, segundo seu grau, da vivacidade e, segundo sua extensão, da riqueza da imaginação. Ora, o predomínio da faculdade analítica rouba necessariamente a força e o fogo à fantasia, assim como a esfera mais limitada de objetos diminui-lhe a riqueza. **Por isso o pensador abstrato tem, frequentemente, um coração frio, pois desmembra as impressões que só com um todo comovem a alma, o homem de negócios tem frequentemente um coração estreito, pois sua imaginação enclausurada no círculo monótono de sua ocupação, é incapaz de elevar-se à compreensão de um tipo alheio de representação.** (SCHILLER, 2002, p. 39, grifo nosso)

Inicia-se esta reflexão a partir do olhar de Schiller sobre a fragmentação do pensamento. Para este autor, o pensamento estético é aquele cujas faculdades sensíveis e racionais estão harmonicamente equilibradas e, por isso, alcançam um grau de refino que permite, aos que este nível alcançaram, produzir formas. Isto é, agir sobre a matéria de modo que o resultado dessa ação deixe clara e aparente a essência pela qual a forma fora originada.

Quando o autor afirma que “o pensador abstrato tem coração frio” ou que “o homem de negócios tem coração estreito”, aponta-se aí uma crítica ao pensamento racional, segmentado e apartado do sensível.

A separação da cultura humanística (sensível/estética) da cultura científica (racional) aconteceu com maior afinco a partir da Revolução Industrial. Na escola medieval, e até antes do Iluminismo, as Ciências Naturais eram ensinadas/aprendidas/apresentadas com mais organicidade, os cientistas eram transdisciplinares - astrônomos, matemáticos, arquitetos, escultores, pintores -, um todo integrado de conhecimentos. (MORIN, 2004)

Cabe considerar que tanto a revolução industrial e o capitalismo como a própria ideia de desenvolvimento econômico que ele carrega são frutos desta ruptura, de uma estreiteza de percepção, antropocêntrica que desconsidera tanto o pensamento sensível, a natureza e a humanidade, aqui no sentido de qualidade do que é humano e não como nomenclatura a uma espécie.

O homem, entretanto, pode ser oposto a si mesmo de duas maneiras: como selvagem, quando seus sentimentos imperam sobre seus princípios, ou como bárbaro, quando seus princípios destroem seus sentimentos. O selvagem despreza arte e reconhece a natureza como sua soberana irrestrita; o bárbaro escarnece e desonra a natureza, mas continua sendo escravo de seu escravo. (SCHILLER, 2002, p. 29)

Os quase dois séculos deste *modus operandi*, que Schiller chama de “bárbaro”, culmina no atual modelo econômico tradicional – capitalismo, economia de mercado, consumismo, lógica industrial – que tem dado sinais de sua impossibilidade de continuidade, com “tendências suicidas que atacam a raiz da liberdade e da vida mesma”. (LISBOA, 2000; ZAOUAL, 2003)

Isso também pode ser observado em relação à Cidade. Para Lefebvre, a cidade, até a Idade Média, era de uma organicidade plena. Construída socialmente, era um espaço onde o valor de uso era preponderante. O espaço público era



partilhado – as ruas, os monumentos, as festas - que para este autor figuram como objetivo máximo de uma cidade.

[...] cidade medieval, sem perder o caráter político, foi principalmente comercial, artesanal, bancária. Ela integrou os mercadores outrora quase nômades, relegados para fora da cidade. (LEFEBVRE, 2002, p. 11)

E acrescenta:

A Cidade preexiste à industrialização [...] as criações urbanas mais eminentes, as obras mais “belas” da vida urbana (“belas, como geralmente se diz, porque são antes obras do que produtos”.) datam épocas anteriores à industrialização. (LEFEBVRE, 2002, p. 12)

Para este autor, com a industrialização e o capitalismo, esta organicidade é rompida e, com isso, a vida urbana e o cotidiano são seccionados, seus traços esmaecem, o sentido de pertencimento se esvai, os monumentos tornam-se fetiches do poder. (LEFEBVRE, 2002)

Segundo Lefebvre (2002, p.23), com a industrialização, ocorre uma segregação que se impõe aos grupos minoritários, o que altera a morfologia da cidade e ameaça a vida urbana. Trabalhadores acabam sendo expulsos da cidade para zonas periféricas e tendem a perder o sentido da cidade como obra criativa e coletiva. O *habitar* (o viver plenamente a cidade) é substituído pelo *habitat* (a moradia reduzida à função, o habitante submetido à cotidianidade alienada),

A cultura do capitalismo percebe e concebe a natureza como simples reservatório de energia, explorável à vontade, o que tem resultado na depredação do planeta. As leis de funcionamento da economia de mercado - e suas consequências sobre a sociedade e meio ambiente - criam simulacros de riquezas, uma vez que estas acabam por gerar pobreza tanto cultural, quanto material. Existe uma violência no coração do capitalismo e de sua mundialização. (ZAOUAL, 2003)

Para Schiller (2002, p. 138), pensamento/impulso estético é uma lei que sussurra ao coração humano mesmo antes de seu exercício. Os novos modelos econômicos e de desenvolvimento voltados ao local, ao território - onde as relações de proximidade, de pertencimento e reciprocidade sejam retomadas em seus valores originais, e cujas decisões sejam horizontais e tomadas pelos próprios atores, onde as especificidades dos territórios possam ser potencializadas e respeitadas em sua diversidade - têm em si a potencialidade do pensamento estético, pois há nesses modelos um retorno consciente às questões primeiras: re-unicidade.

Para Rancière (2005, p. 49):

Passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico. (RANCIERE 2009, p.49)

O autor se refere à qualidade sensível de determinadas percepções que, per si, são estéticas.

O pensamento racional, isolado, é incompatível para dialogar com a complexidade do estar no mundo. As soluções só poderão ser atingidas de modo dialético através de uma razão sensível e de uma sensibilidade consciente, em que a natureza e todas as formas de vida sejam consideradas com equidade. (CORAGGIO, 2013; LISBOA 2004; PECQUEUR, 2005; SACHS, 2007; SCHILLER, 2002, ZAOAUL, 2003)

A proposição de um Desenvolvimento Territorial Sustentável é uma postura estética, per si, uma vez que prevê uma construção dialética entre sensível e racional, ética entre humano e as outras formas de vida; reconhece a realização humana, o conhecimento acumulado, os saberes ancestrais, os erros e acertos do fazer humano, assim como a multidimensionalidade do ser humano. (SACHS, 2007)

Para Rancière (2005, p.13):

No terreno do estético está também a capacidade de visão ampliada que identifica e reconhece maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras e permite que as relações entre estas sejam pensadas. (RANCIÈRE, 2005, p.13)

Na nova economia proposta pelos teóricos do DTS, a qualidade da vida é anterior à quantidade de posses; seus conceitos não estão postos, dados ou terminados, respeita a dinâmica e diversidade dos atores. O foco é a geração e distribuição da riqueza, a partilha e as articulações inteligentemente realizadas são ferramentas de promoção da vida (ABRAMOVAY, 2004; BOISIER, 2015; LISBOA, 2000). A utilitarização da vida não cabe neste novo modelo, assim como não é cabível ao pensamento estético.

Para Zaoual (2010, p. 16):

(...) o utilitarismo tende a conduzir o mundo das ações dos indivíduos a um só denominador comum, o da utilidade (homogênea e mensurável). (...) o utilitarismo esvazia o problema da “*incomensurabilidade*” das situações individuais, das classificações e, dos bens, dos liames existentes em tais universos.

Enquanto Schiller (2002, p.22) aponta que

O curso dos acontecimentos deu ao gênio da época uma direção que ameaça afastá-lo mais e mais da arte do Ideal. Esta tem de abandonar a realidade e eleva-se, com dolorosa ousadia, para além da privação; pois a arte é filha da liberdade e quer ser legislada pela necessidade do espírito, não pela privação da matéria. **Hoje, porém, a privação impera e curva em seu jugo tirânico a humanidade decaída. A utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos.** Nessa balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa. (...) e as fronteiras da arte vão-se estreitando à medida que a ciência amplia as suas. (SCHILLER, 2002. p. 22, grifo nosso)

Schiller (2002, p 22) quando se refere à arte, não se limita ao fazer artístico das linguagens ditas artísticas. Arte para ele é todo o fruto do pensamento refinado que transforma a matéria, conformando-a em sua essência. É vida acontecida pela excelência de labor, apresentada em sua melhor forma que, per si, é diametralmente oposta à noção de utilidade imediata e prática.

Cabe ainda ocuparmo-nos em relação da dimensão territorial.

Para Pecqueur (2009, P.89):

O funcionamento e a organização dos sistemas produtivos locais são igualmente marcados pela historicidade e pela memória coletiva. Com efeito, uma característica essencial desses sistemas é a construção social de um capital cognitivo coletivo. Observamos, portanto, uma capacidade de aprendizagem do grupo implicado no território. (...) O território é ao mesmo tempo um espaço social e um espaço real. Situando-se na perspectiva fenomenológica de Frémont (1976), ele considera que o território “se impregna de valores culturais refletindo, para cada um, o pertencimento a um grupo localizado”. Seu conhecimento pressupõe assim uma consideração atenta das representações, das práticas e da imaginação espacial dos atores locais. (PECQUEUR, 2009, p.89)

Para este autor, toda paisagem habitada pelos homens carrega a marca de suas técnicas. (PECQUEUR, 2009, P.81)

As noções de “memória coletiva”, de “capital coletivo comum”, de “território como espaço social e construído”, o sentimento de “pertencimento”, bem como a consciência de que tipo de representações e percepções que os atores têm de seu

território, carecem de um olhar sensível para o seu reconhecimento. (PEQUEUR, 2005; ZAOUAL, 2003, SACHS, 2007; LEFEBVRE, 2011)

A identificação e valorização do potencial dos territórios, estratégias de desenvolvimento territorial, por sua vez, dependem do empoderamento e representação dos atores/agentes diante/e em relação a estes territórios. O Desenvolvimento Territorial é uma construção dos atores, um movimento dinâmico, centrífugo e centrípeto, dialogicamente, e não acontece por decreto. (PEQUEUR, 2005; ZAOUAL, 2003, LEFEBVRE, 2011)

Nas comunidades urbanas contemporâneas, cuja ótica de mercado é preponderante, esta capacidade, essas novas formas de pensamento e ação, demandam de uma educação, de uma formação, um reencontro, uma reconfiguração, diferentemente do que acontece em comunidades tradicionais, pois, nestas o *modus vivendi* é dialético entre os humanos, bem como entre estes e o ambiente. (ACOSTA 2016; SCHILLER, 2002; LEFEBVRE, 2001)

(...) um homem, conquanto viva e tenha forma, nem por isso é forma viva. Para isso seria necessário que sua forma fosse viva e sua vida, forma. Enquanto apenas meditamos sobre sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é informe, mera impressão. Somente quando sua forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando julgamos o belo. (SCHILLER, 2002, p.78)

Através do que Schiller (2002) chama de “educação estética” e do que Duarte Júnior (2001) chama de “educação sensível” é que se adquire capacidade para o belo, para o contexto deste estudo, onde as formas da cidade perpassem o entendimento, a percepção, produzindo uma terceira condição a da “experiência” e que através dela seja possível alcançar a ideia de “todo”.

Rancière (2005) sugere ser no e pelo pensamento estético que se alcança uma visão de todo interligado, esta visão é que permite uma efetivação da partilha do sensível.

Os argumentos dos teóricos do DTS apontam para um modo de viver e produzir que possa ser mantido/sustentado, humanizado. Vale a pena considerar a necessidade de uma educação preparatória, uma sensibilização para a percepção da necessidade de um novo modo de agir e de pensar e, conseqüentemente, da criação de um “novo homem”. Um homem pertencido a um espaço que lhe diz respeito, um homem empoderado de si e de seu entorno, cujas relações primordiais

são as que possibilitam continuidade de uma vida digna para esta e outras gerações. É uma postura de responsabilidade. (CORAGGIO, 2013; SACHS, 2007)

Esta reapropriação do homem pelo homem e conseqüente reintegração deste com o meio, através do saber sensível, tende a gerar uma revolução. O que Rancière (2014, p.4) chama de cenário da revolução estética, onde a autonomia do querer comum se reapropria da autonomia da experiência estética, e complementa que o regime estético da política é a democracia [...], e que [...] uma boa forma de arte é a forma coreográfica da comunidade que dança e canta sua própria unidade. (RANCIÈRE, 2005, p.18)

Trazer para a discussão acadêmica do Desenvolvimento Territorial Sustentável as questões estéticas, bem como a proposição de modos de sensibilização que possam vir a transformar o pensamento e por conseqüência a prática, que para Schiller (2002) é o uso mais sublime da razão, é reafirmar a postura de responsabilidade com um novo tipo de desenvolvimento, pois, como sugere Rancière (2005, p.12), é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada nas promessas da emancipação e nas ilusões e desilusões da história.

Tratando-se do espaço urbano, para Lefebvre (2002/2011), o direito à cidade aponta para um novo humanismo, para a construção de uma nova ideia de cidade, sobre novas bases, numa outra escala. Cidade voltada à apropriação, reconstituindo, assim, seu sentido como obra passível de fruição. [...] A criação de novos lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontro, onde a troca esteja para além do comércio, expropriação e da lucratividade.

Impossível considerar a hipótese da reconstituição da cidade antiga; possível apenas encarar a construção de uma nova cidade, sobre novas bases, numa outra escala, em outras condições, numa outra sociedade. Nem retomo (para a cidade tradicional), nem fuga para frente, para a aglomeração colossal e informe - esta é a prescrição. Por outras palavras, no que diz respeito à cidade, o objeto da ciência não está determinado. O passado, o presente, o possível não se separam. É um objeto virtual que o pensamento estuda. O que exige novas *démarches*<sup>4</sup>. (LEFEBVRE, 2011, p. 106)

Há nestes autores uma premissa intrinsecamente política, igualitária e de liberdade. Para eles, o pensamento estético é livre porque este pensamento e as

---

<sup>4</sup> Do francês: providências, diligências.

formas geradas a partir dele estão para além de qualquer ideologia ou dogma, uma vez que são construídas sob uma verdade que é anterior à ideologia, e que este pensamento é reintegrador daquilo que é humano – sua humanidade.

Para Schiller (2002 p.141)

No Estado estético, todos - mesmo o que é instrumento servil - são cidadãos livres que têm os mesmos direitos que o mais nobre, e o entendimento, que submete violentamente a massa dócil a seus fins, têm aqui de pedir-lhe assentimento. No reino da aparência estética, portanto, realiza-se o Ideal da Igualdade (...) aqui a bondosa providência, por vezes parece limitar o homem na realidade somente para impeli-lo a um mundo ideal. (SCHILLER, 2002, p. 141)

Enquanto que para Rancière (2005, p.19) a política é assunto de sujeitos, ou melhor, de modos de subjetivação, a qual só existe mediante a efetivação da igualdade de qualquer pessoa com qualquer pessoa.

Assim, tanto a Estética, a Partilha do Sensível, o Direito à Cidade quanto as teorias do Desenvolvimento Territorial Sustentável se ocupam de aprimorar a relação entre homens e destes com seu meio. Esta relação é, conforme Hanna Arendt (2002), o princípio basal da política.

A máxima de Schiller com a qual iniciamos o capítulo de que a beleza é condição para que se haja humanidade, amplia-se ao considerarmos que só com humanidade potente é que se pode, realmente, fazer política, esta com uma faculdade da humanidade, considerando que a ética nada mais é do que a política feita/realizada/vivida sob amparo do pensamento estético. (SCHILLER, 2002)

Ainda considerando, como propôs Rancière (2005, p. 49), que algumas percepções, antes de serem científicas são literárias, encerra-se este capítulo, com um convite à leitura da reflexão sensível do poema da poeta polonesa Wyslawa Symborska (1923- 2012):

“Filhos da época”

Somos filhos da época  
e a época é política.  
Todas as tuas, nossas, vossas coisas  
diurnas e noturnas,  
são coisas políticas.  
Querendo ou não querendo,  
teus genes têm um passado político,  
tua pele, um matiz político,  
teus olhos, um aspecto político.  
O que você diz tem ressonância,  
o que silencia tem um eco  
e um jeito ou de outro político.

Até caminhando e cantando a canção  
 você dá passos políticos  
 sobre um solo político.  
 Versos apolíticos também são políticos,  
 e no alto a lua ilumina  
 com um brilho já pouco lunar.  
 Ser ou não ser, eis a questão.  
 Qual questão, me dirão.  
 Uma questão política.  
 Não precisa nem mesmo ser gente  
 para ter significado político.  
 Basta ser petróleo bruto,  
 ração concentrada ou matéria reciclável.  
 Ou mesa de conferência cuja forma  
 se discutia por meses a fio:  
 deve-se arbitrar sobre a vida e a morte  
 numa mesa redonda ou quadrada.  
 Enquanto isso matavam-se os homens,  
 morriam os animais,  
 ardiavam as casas,  
 ficavam ermos os campos,  
 como em épocas passadas  
 e menos políticas.

(SZYMBORSKA, 2011. p. 77)

### 3.2. REVISÃO DE LITERATURA

O estado da arte acerca do Centro Histórico de Paranaguá aponta para a lacuna entre a patrimonialização e a apropriação do espaço pelos habitantes. Letícia Nardi, em sua dissertação sobre o Centro Histórico de Paranaguá: Usos e sentidos da cidade contemporânea, apresentado ao programa de História e Arquitetura da Cidade da UFSC, faz ricos levantamentos históricos e análises do referido conjunto.

Por sua pesquisa, fica evidente a conformação de duas Paranaguás que, ao longo da história, ora se encontram, ora não se veem. Uma delas, a qual chamaremos aqui de *original*, se dá pelo fluxo do povo, insulares e trabalhadores, cujo centro histórico acaba sendo um local de passagem e de breves paragens, estritamente objetivas. A outra Paranaguá, a qual trataremos aqui pelo codinome *Imperial*, conforma-se em torno do poder e riqueza e de aspectos políticos e econômicos, desde a construção da Escola Jesuíta - hoje Museu de Arqueologia/UFPR - no século XVIII ao casario neoclássico/eclético construído durante todo séc. XIX e início do XX.



O Centro Histórico tombado, cuja preservação é legitimada institucionalmente, é este conformado em torno do poder e riqueza e de aspectos políticos e econômicos, e que não dialoga diretamente com a população, como aponta Nardi:

O desembarque dos barcos de linha, ali bem próximo, também gera movimento durante a manhã. As pessoas desembarcam e se enfileiram no trapiche, quando pisam em terra firme estão em um alargamento de calçada, na mesma Rua General Carneiro, e se deparam com um sobrado eclético bastante ornamentado – o Sobrado Mathias Bohn, que é contíguo a outros sobrados com a mesma volumetria, formando um conjunto que se impõem sobre a rua. Apressadas, as pessoas parecem querer se esquivar deles, a maioria fechado, sem uso. (NARDI, 2011, p. 117)

E que gera lacunas inclusive na praticidade das questões de preservação e de noção de pertencimento:

A partir daí, ao analisar a relação dual entre a visão preservacionista e dinâmica, ela **parece desajustada, desconectada, um diálogo truncado**. A sensação, por vezes, é que os textos se referem a lugares diferentes e não ao mesmo centro histórico de Paranaguá. A diferença está na posição do olhar. Tal posição não abrange apenas concepções sobre patrimônio e cidade, mas materializa ações e práticas que interferem na dinâmica urbana. (NARDI, 2011, p.195, grifo nosso)

Isto que Nardi chama de *desajuste e desconexão* aparece também no artigo *Conjunto Histórico De Paranaguá: Intervenção E Preservação* de Jabur e Bertolucci, pesquisadores da Universidade de São Paulo - USP, no qual apontam lacunas entre o legislado e o praticado:

Infelizmente, a mudança na continuidade da gestão pública e a diminuição nas ações de preservação podem ser as razões desse descaso. Para tanto, a simples criação de diretrizes para a manutenção dos edifícios públicos e particulares, poderia evitar a necessidade de grandes intervenções. A preservação não está ligada somente aos processos de restauração, mas a grande resposta se encontra no próprio serviço de manutenção rotineira destas construções públicas e privadas. Assim como está definida na Carta de Veneza (1964: 2): “A conservação de monumentos impõe, antes de tudo, perseverança em sua manutenção”. (JABUR e BERTOLUCCI, 2011, p. 9)

E acrescentam:

Também percebemos a falta de discussões e estudos sobre o restauro urbano, a falta de clareza conceitual que possibilite efetuar as ações de preservação. As ideias são muito abrangentes e passíveis de interpretações errôneas. (JABUR E BERTOLUCCI, 2011, p. 9)



Os autores apontam a necessidade de esclarecimento tanto do poder público quanto da população acerca da importância arquitetônica e histórica do espaço:

**Acreditamos que é preciso efetivar as ações de preservação, assim como inserir a população parnanguara nesses atos para lhe propiciar a compreensão de sua identidade com esse conjunto.** Não somente são necessárias as restaurações, mas também **a aplicação de educação patrimonial para moradores e turistas para que possam dar maior importância a essas antigas estruturas exigindo sua conservação**, não apenas das construções mais importantes, mas também das pequenas que constituem grande parte desse conjunto. (JABUR e BERTOLUCCI, 2011, p. 10, grifo nosso)

E acrescentam:

Acreditamos que a cidade de Paranaguá necessita de constantes interpretações para poder preservar seu conjunto histórico e dessa forma evitar grandes perdas. É necessária uma preocupação maior com as pequenas construções da cidade e não somente com os monumentos mais importantes. É imprescindível perceber o valor das habitações, das pequenas construções que também fazem parte desse contexto urbano, pois também são testemunhos de um passado ainda preservado na cidade de Paranaguá.

**Talvez baste apenas enfatizar e esclarecer sobre sua importância aos olhos da população e dos órgãos públicos.** (JABUR E BERTOLUCCI, 2011, p. 12, grifo nosso)

Vale apontar que ambos os trabalhos apresentam a visão do “olhar do estrangeiro”, o que reforça a necessidade de uma pesquisa que se volte para o olhar do nativo/morador.

Outros trabalhos pesquisados consideram o patrimônio cultural como algo que reporta ao empoderamento, identidade e autonomia das comunidades locais, e apontam que:

Na perspectiva do ecodesenvolvimento é fundamental a participação da comunidade no processo de identificação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural. A partir desta participação e valorização é possível a constituição de um novo modelo de desenvolvimento, pois os problemas sociais, ambientais e econômicos são oriundos da valorização dos saberes imateriais, naturais e materiais de influência externa, ou seja, decorrem de um modelo de subordinação da sociedade pela busca de valor de troca, em detrimento dos valores de uso internos a sua sociedade. (NASCIMENTO, SULZBACH, DENARDIN, 2014, p. 10)

Estes autores iniciam um diálogo entre os teóricos do Desenvolvimento Territorial como Sachs, e Pecquer e as questões culturais, propondo alternativas de desenvolvimento que alcancem dimensões mais holísticas. (NASCIMENTO, SULZBACH, DENARDIN, 2014)

#### 4. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO: O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ - PR - PALACETE VISCONDE DE NÁCAR

Paranaguá é uma cidade litorânea paranaense que, conforme dados do IBGE/2016, possui área de cerca de 830 km<sup>2</sup>, que abrigam mais de 140 mil pessoas. Limita-se ao norte com Antonina e Guaraqueçaba através da Baía de Paranaguá; ao sul com Guaratuba e Matinhos; a leste com Pontal do Paraná e a oeste com Morretes (FIGURA 4).

FIGURA 1- LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE PARANAGUÁ



FONTE: IPARDES (2018)

A cidade é uma das primeiras ocupações europeias pós-descobrimiento do Brasil, os indícios dos primeiros povoamentos datam 1570. Sob a missão de investigação aurífera, em 1640 passa à categoria de vila. Em 1660 à capitania e em 1854 passa à categoria de cidade (FREITAS, 1999). Os historiadores pesquisados desconsideram os povos originários, talvez por uma perspectiva histórica que se dá sob a ótica do colonizador, do homem branco, sem uma reflexão ou uma preocupação com quem estava habitando o território antes da chegada destes europeus.

Foi o principal agrupamento populacional do Estado - do séc. XVII ao início do XIX. Além de abrigar a ouvidora, a localização litorânea facilitava a comunicação com o poder central, que originalmente ficava em Lisboa e transferiu-se a posteriori ao Rio de Janeiro (BOLETIM BENS TOMBADOS, 1990). O atracadouro da cidade

transforma-se em um grande porto importador e exportador de vários produtos em 1874. Paranaguá era o maior centro cultural, político e econômico da província, contava com grandes comerciantes que possuíam imóveis, escravos e significativas fortunas, o que culminou em grande transformação política, econômica e arquitetônica. Após a inauguração do porto, este serviu de destino final à estrada de ferro construída em 1885. Ainda hoje sedia um dos maiores portos do país.

Para Nardi (2011):

(...) a cidade perpassou os diversos ciclos econômicos empreendidos pelo Estado figurando entre as principais vias portuárias para o escoamento de ouro, erva-mate, madeira, café. A vocação portuária foi sendo consolidada e atualmente esta atividade é o mote da economia local, sendo seu impacto de grande importância para o estado do Paraná, gerando um movimento transnacional que repercute no mercado nacional, no qual se destaca através do setor graneleiro. (NARDI, 2011, p.26)

A prosperidade alcançada por Paranaguá com o desenvolvimento das atividades portuárias ao fim do séc. XIX e XX refletem-se na arquitetura do casario histórico, com a substituição do modelo de construção luso-brasileira para o ecletismo europeu. Essas transformações conferem ao Centro Histórico de Paranaguá um conjunto arquitetônico diferenciado. O que culminou em tombamento estadual do sítio histórico em 1990 e federal em 2000. (NARDI, 2011)<sup>5</sup>

Os primeiros colonizadores portugueses atracaram por volta da metade do Séc. XVI. Oficialmente, a data de sua fundação é de 1648, mas na Igreja Matriz há uma placa de construção datada de 1578.

No fim do século XIX, a cidade chegou a ser preparada para ser capital do estado e teve a construção de um Palacete para ser sede da província. O Palacete Visconde de Nácar, construído em 1856 por Manuel Antônio Guimarães, Barão e Visconde de Nácar, o qual é um referencial da história do Paraná. (Espirais do Tempo, Ano 2006, p. 360)

Em quase 400 anos de história, sintetiza parcela da história nacional, nasce através do ciclo do ouro, transforma-se em rota de tráfico de escravos. Pela localização geográfica, criação do porto e construção da estrada de ferro, já no séc.

---

<sup>5</sup> Mais informações sobre os processos de tombamento podem ser obtidas em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>; <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/391>; <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=248>

XIX acaba sendo um grande polo de desenvolvimento econômico. Estas transformações sociais e econômicas trouxeram novos modos de uso da cidade e do espaço urbano – e, com isso, formas de ocupação do espaço desordenadas, a priori, sem compromisso com a história pregressa da cidade. (FREITAS, 1999; Espirais do Tempo, 2006; NARDI, 2011)

Objetivando ordenar este crescimento, produz-se em 1967 um Plano Diretor, em uma parceria entre Governo do Estado, Universidade Federal e Município, o qual, entre outras providências, propunha:

o estabelecimento de um zoneamento da cidade, baseado no uso predominante de cada área e suas tendências de evolução, “atendendo-se, obviamente, para as correções necessárias ao uso adequado do espaço urbano”. Dividiu-se a cidade em zonas comerciais, zonas residenciais, zonas de trabalho e zonas especiais. Entre as zonas comerciais, situa-se o Centro Histórico, caracterizado por densidade de ocupação que vem se mantendo inalterada ao longo dos anos onde as construções de caráter histórico determinam o gabarito para as novas edificações. (Espirais do Tempo, 2006)

Este foi o primeiro movimento voltado à preservação, abrangendo todo o núcleo mais antigo da cidade - da Igreja de São Benedito, na Rua Conselheiro Sinimbu, até a Rua Visconde de Nácar -, criando uma poligonal de entorno, que é uma transição entre a área tombada e o restante da cidade, e onde estão outros exemplares arquitetônicos significativos para a história de Paranaguá. Este movimento culminou no processo de tombamento estadual na década de 1990. Já o tombamento no âmbito federal teve a primeira solicitação em 1983, porém, por uma tramitação interna lenta, a aprovação do ‘Conjunto Histórico e Urbanístico da Cidade de Paranaguá’ dá-se somente 26 anos depois, em 03 de dezembro de 2009. (NARDI, 2011; Espirais do Tempo, 2006)

A área protegida, conforme dados da área de patrimônio da Secretaria de Estado da Cultura, contém 25 (vinte e cinco) tombamentos que incluem edificações, imagens sacras e obras de arte. Vale destacar importantes exemplares da arquitetura colonial brasileira, como as construções da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas (FIGURA 5) e o Colégio dos Jesuítas (FIGURA 6). Destaque também para o conjunto de sobrados da Rua da Praia (FIGURA 7), típicas moradias de quem detinha o poder econômico no final do século XIX. Outras influências estéticas como o neoclassicismo, foram absorvidas e podem ser

observadas no prédio da Câmara Municipal e no Palacete Visconde de Nácar (FIGURA 8). (Espirais do Tempo, 2006)

Dada a grande quantidade e diversidade de bens tombados, optou-se neste trabalho pelo estudo do Palacete Visconde de Nácar, uma vez que, além de tratar-se de um significativo exemplar arquitetônico, é um local com peculiar importância política e histórica, conforme exposto no próximo capítulo.

FIGURA 2 - CASARIO NA RUA DA PRAIA



FONTE: a autora (2016)

Apesar das várias instâncias de tombamento e de ser uma cidade turística, aos fins de semana o Centro Histórico é vazio. Mas já foi diferente, Paranaguá, durante todo o Império, foi a mais importante e populosa cidade paranaense.

FIGURA 3 – PALACETE VISCONDE DE NÁCAR



FONTE: Hugo Harada/Gazeta do Povo (2017)



FIGURA 4- ENTORNO DO PALACETE VISCONDE DE NÁCAR



FONTE: a autora (2016)

FIGURA 5 - IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS



FONTE: Secretaria de Estado da Cultura / SEEC-PR (s/d)

FIGURA 6– MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA



FONTE: PROEC/UFPR (s/d)

FIGURA 7- SOBRADOS DA RUA DA PRAIA



FONTE: Balanço da Canoa/ Ivan Ivanovich (2017)



#### 4.1. SOBRE O PALACETE VISCONDE DE NÁCAR

Conforme já apontado, Paranaguá foi um importante polo cultural, político e econômico desde o Séc. XVII até o Séc. XIX. A cidade era moradia de poderosos comerciantes cuja influência política chegava até mesmo à Corte Portuguesa. (LACERDA, POLINARI, 1984)

Um destes influentes políticos e comerciantes foi o Comendador Manoel Antônio Guimarães - Barão<sup>6</sup> e Visconde<sup>7</sup> de Nácar - o qual é um referencial da história do Paraná, com negócios que iam da importação/exportação de sal e mate, respectivamente às atividades agrícolas. Ele e o irmão eram controladores do comércio interno da cidade, distribuidores das importações, senhores da exportação de erva-mate, além de proprietários da maioria dos imóveis da cidade, estes, quando não seus, pertenciam a aparentados. Foi responsável pela construção de importantes obras na cidade, como o Hospital de Caridade – Santa Casa, o Mercado e a Companhia de Navegação Progresso, além de ao então Comendador ser atribuída a escolha do Porto do Gato para a instalação da Estrada de Ferro do Paraná. Chefe de uma grande família, oriunda de dois casamentos, todos os filhos vivos destes casamentos uniram-se com pessoas pertencentes às tradicionais famílias - ricas e politicamente importantes - da cidade, num intuito claro e objetivo de manutenção do poderio econômico e político. (LACERDA, POLINARI, 1984; BOLETIM IHGE, 1973; Espirais do Tempo, Ano 2006, p. 360)

Obteve muitos cargos políticos e obteve honrarias e distinções, acabando por tornar-se membro da nobreza brasileira, com os títulos de Barão (1876) e

---

<sup>6</sup> Barão: Título de nobreza\*, imediatamente inferior ao de visconde. 2 - Pessoa que tem esse título.

3 - Homem ilustre pelos seus feitos. <https://dicionariodoaurelio.com/barao>

Súdito fiel do rei, em geral **homem rico**, que prometia lealdade e serviços em troca de pequenas fazendas ou sítios, que seriam herdados por seus descendentes. A palavra, de origem germânica, quer dizer “**homem livre**”. Disponível

em: ><https://mundoestranho.abril.com.br/historia/qual-a-diferenca-entre-barao-marques-duque-conde-e-visconde/>> Acesso em: 21 de janeiro de 2018.

Os títulos nobiliárquicos ou títulos de nobreza foram criados com o intuito de estabelecer uma relação de vassalagem entre o titular e o monarca, sendo alguns deles hereditários. Depois do século XV foram usados como forma de agraciar membros da nobreza, por um conjunto de atos prestados à casa real, ao monarca ou ao país, sem que lhe estivesse associada qualquer função pública ou jurisdição ou soberania sobre um território. Disponível

em: > [http://www.genealogiahistoria.com.br/index\\_historia.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=90](http://www.genealogiahistoria.com.br/index_historia.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=90)> Acesso em: 21 de janeiro de 2018.

<sup>7</sup> Visconde: título nobiliárquico imediatamente inferior ao de conde e superior ao de barão, Disponível

em: > <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/visconde> Acesso em: 21 de janeiro de 2018.

Responsável por **substituir o conde** e assumir as funções de assessor do rei na ausência do titular. Recebia territórios pequenos, do tamanho de vilas. Vem do latim **vicecomes**, ou seja, “vice-conde”. Disponível

em: > <https://mundoestranho.abril.com.br/historia/qual-a-diferenca-entre-barao-marques-duque-conde-e-visconde/> Acesso em: 21 de janeiro de 2018.

posteriormente de Visconde (1880). Teve participação direta na política nacional da época, tendo sido arregimentador dos Voluntários da Pátria<sup>8</sup> – pagava 400\$000<sup>9</sup> a cada voluntário que se apresentasse. (LACERDA, POLINARI, 1984)

Sua postura escravagista é tratada de modo ambíguo pelos historiadores, ao mesmo tempo em que se relata que o então ainda Comendador e futuro Visconde:

Possuía grande quantidade de escravos, uns trabalhando na lavoura, outros a serviço das embarcações e ainda outros aos serviços domésticos do seu estabelecimento comercial; ele considerava que “a escravidão era um dos esteios da monarquia, uma das bases da prosperidade nacional”, tendo se manifestado contra a Lei do Ventre Livre. (LACERDA, POLINARI, p.10, 1984)

Outros autores referem-se a ele como um “trabalhador honestíssimo”, homem de família e muito religioso, que foi “obrigado a colonizar escravos, como era uso na época”. (BOLETIM DE BENS TOMBADOS DO PARANÀ, 1990, BOLETIM DO IHGEP, 1973)

Outra situação, cuja própria história mostra diferentes versões, é o episódio com o navio inglês Cormorand, que em 1850 apreendeu naus brasileiras atracadas na Baía de Paranaguá ‘suspeitas’ de serem transportadoras de escravos africanos. O navio inglês foi atacado por “populares” parnaguaras. Manoel Antônio Guimarães era comandante da Guarda Nacional, na época, e foi cumprimentado pessoalmente por Dom Pedro II por sua atuação no caso. (BOLETIM DE BENS TOMBADOS DO PARANÀ, 1990, BOLETIM DO IHGEP, 1973; LACERDA, POLINARI, 1984)

O episódio do Cormorand é tratado muitas vezes como um mal-entendido da marinha britânica, porém, Paranaguá era suspeita de ser base de tráfico escravo desde 1833. No entanto, as autoridades locais faziam vistas grossas a qualquer tipo de denúncia. Cecília Westphalen (1998, p. 144), em importante pesquisa sobre o porto de Paranaguá e o tráfico negreiro no litoral reconstrói um significativo quebra-cabeça:

---

<sup>8</sup> Voluntários da Pátria foi o nome dado às Unidades Militares formadas por civis livres e escravos libertos para este fim. Foram criadas pelo Império Brasileiro, no intuito de fortalecer as forças militares que lutavam na Guerra do Paraguai (1864-1870). Disponível em:> <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4807349.pdf>. Acesso:05 de março de 2018.

<sup>9</sup> 400\$000 - quatrocentos mil réis – hipoteticamente, os valores atualizados chegam próximos de R\$ 50 mil reais. Conversão hipotética, onde Mil-Réis, equivaleriam a R\$ 123,00 Disponível em:>: <http://diniznumismatica.blogspot.com.br/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html>. Acesso em: 05 de março de 2018.

[...] em 1848, o Inspetor da Alfândega de Paranaguá, porém, testemunha que o tráfico africano, naquela cidade, havia aumentado de maneira espantosa. E, para o escândalo de todos, o primeiro e único desmoralizado negociador de africanos, em Paranaguá, era o próprio Delegado de Polícia, a quem denuncia ao Inspetor da Tesouraria Geral da Província (23). Era o Delegado um dos mais fortes comerciantes da praça, proprietário de várias embarcações e consignatário de muitas". (WESTPHALEN, 1998, p. 144)

No documento acima citado não há menção ao nome do delegado, porém, em outros aponta-se que nesta época o delegado de polícia era o senhor Manoel Antônio Guimarães. (WESTPHALEN, 1998; ALVES, 2017; BOLETIM DE BENS TOMBADOS DO PARANÀ, 1990; BOLETIM DO IHGEP, 1973; LACERDA, POLINARI, 1984)

No início da segunda metade do século XIX, Manoel Antônio Guimarães inicia a construção de um luxuoso palacete, cujas razões verdadeiras são desconhecidas, uma vez que já possuía diversos imóveis na cidade. Não se sabe ao certo a data de início da construção, no frontispício consta 1856, porém, esta pode ser tanto de início quanto de término. Também não é conhecido o projeto e nem o nome do construtor. O Comendador possuía algumas facilidades para a construção, uma vez que era proprietário de uma fábrica de telhas goivas e contava com mão de obra escrava. Além disso, a cidade contava com bons mestres de obras. Vidros como peças decorativas foram importadas e os jornais da época especulavam que o palacete havia sido construído com "pago imperial" (LACERDA, POLINARI, p.10, 1984):

Quanto à origem dos recursos financeiros, diz-se que o palacete foi construído "em pago imperial" (30). A explicação desta expressão como sendo apenas um erro de imprensa (paço em vez de pago) não satisfaz (16). A construção se encontra na antiga rua da Boa Vista e, obviamente, não existia "paço imperial" em Paranaguá. Pode-se interpretar "pago imperial" como pagamento, restituição ou retribuição de serviços prestados por Manoel Antônio Guimarães ao Império, como por exemplo, a devolução de escravos fugidos aos donos - ação amplamente praticada pelo comendador conforme notícias no jornal Dezenove de Dezembro. (LACERDA, POLINARI, p.10, 1984)

Os autores levantam a hipótese de que o Palacete fora construído com a intenção de ser doado ao governo, visando proteger os objetivos políticos e econômicos do então Comendador Manoel Antônio Guimarães.

O palacete deu morada ao comendador e sua segunda esposa. Suas dependências abrigaram o convívio social e político das grandes personalidades da época em nível nacional como Princesa Izabel e Conde d'Eu, e o próprio Imperador Dom Pedro II. (LACERDA, POLINARI, 1984)

O refino na construção é descrito por Émile Saint-Denis, ou Saint-Martial, jornalista francês que visitou o Brasil e foi hospedado por Manoel Guimarães, ele

Refere-se a uma "suntuosa recepção" oferecida pelo barão de Nacker (sic). [...] Prosseguindo a descrição da festa, Saint-Martial diz que "os salões estavam iluminados" "à giorno", que havia lanternas venezianas nas árvores e globos nas áreas do jardim... Os convidados no terraço conversavam e fumavam (34). Neste jardim ainda se encontravam intactos há alguns anos dois bancos de pedra com as iniciais do Visconde e da Viscondessa (20). (LACERDA, POLINARI, p. 11, 1984)

Depois da morte do Visconde, em 1893, o Palacete foi deixado para seu filho João Guilherme Guimarães e por ele foi vendido à Câmara Municipal em 1910. Desde então, até 2015 foi ocupado pelo Governo Municipal, sendo sede da Prefeitura, Câmara Municipal e PROCON. (LACERDA, POLINARI, 1984)

Na década de 1980, tanto a Câmara quanto a Prefeitura mudaram suas sedes e o Palacete recebeu um restauro completo. Após o término, voltou a abrigar a Câmara até a inauguração do novo prédio. Abrigou o PROCON até 2015, desde então o Palacete está abandonado e em ruínas, junto com outras edificações no entorno, o que se ratifica nas matérias jornalísticas nos ANEXOS A e B. (LACERDA, POLINARI, 1984)

FIGURA 8- PALACETE VISTA INTERNA ATUAL



FONTE: Gazeta do Povo (2017)

FIGURA 9 - PALACETE VISCONDE DE NÁCAR- INTERIOR ATUAL



FONTE: Prefeitura Municipal de Paranaguá (2016)



FIGURA 10: PALACETE VISCONDE DE NÁCAR – INTERIOR ATUAL



FONTE: Gazeta do Povo (2016)

A escolha de recorte por este edifício dá-se por sua importância histórica e política e pela suntuosidade de sua construção, marca da aristocracia da época. Além do que, ao analisar este e não outro exemplar arquitetônico, inevitavelmente chega-se à figura do Visconde. A breve e resumida contextualização histórica apresentada leva-nos a pensar a estrutura urbana do Centro Histórico de Paranaguá do séc. XIX como construída por e para o Visconde de Nácar.

Hoje não existem descendentes da família na cidade e, por mais que se busque a valorização e o reconhecimento da história de Paranaguá materializada em seu Centro Histórico, as escolhas do poder público apontam para uma gestão atenta ao novo, ao futuro.

Dois fatos ocorridos na cidade de Paranaguá durante a escrita dessa dissertação são importantes para a reflexão sobre o olhar do poder público acerca da questão de preservação, manutenção e uso do Centro Histórico. O primeiro diz respeito à construção de um novo monumento em área tombada, a escultura de um caranguejo com 7 (sete) metros de largura por 3 (três) metros de altura foi

inaugurada no fim de 2017 juntamente com a abertura da primeira Festa do Caranguejo (FIGURA 14).

Em pesquisa sobre a referida obra, levantou-se que fora orçada em 10 mil reais e doada ao município por uma grande empresa local, conforme informações no ANEXO C deste trabalho. Até onde se sabe, a escolha do símbolo, bem como o local de sua construção não foram frutos de consulta pública. Apesar disso, o “Caranguejo” virou sensação e ponto de visitação de turistas e moradores.

A primeira pergunta que vem à mente é o porquê de um novo monumento quando há tantos cuja manutenção é emergente? De quem, e sob quais critérios, foi a escolha de tal símbolo? Por que a população não tomou conhecimento prévio? Lacunas administrativas e culturais cujas respostas quiçá viessem de investigação aprofundada, a qual para este trabalho torna-se inviável.

Curioso é que em pouco mais de duas semanas da inauguração deste novo monumento, a placa com a insígnia de “Cidade Mãe do Paraná” foi roubada. Gesto que gerou polêmica na imprensa e nas redes sociais e que permite algumas reflexões no que diz respeito à representatividade popular e à manutenção ufanista deste ideal de “Cidade Mãe”. Será que ele ainda tem lugar?

FIGURA 11 - MONUMENTO CARANGUEJO



FONTE: Divulgação/ Prefeitura de Paranaguá (2017) / Celso Luiz Johnsson

A construção de um novo prédio ao lado da sede atual da prefeitura, orçado em mais de R\$ 4 milhões, que será realizado com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), também é importante decisão a ser percebida. No ANEXO D há uma reportagem sobre a obra.

Entrando em contato com a administração pública e questionando o porquê da construção de um novo prédio - se com esse montante não seria possível

restaurar algum dos tantos casarões e assim sediar os departamentos da prefeitura, garantindo uso permanente do espaço - fui informada de que este empréstimo era destinado para obras de infraestrutura e que o Patrimônio Histórico não poderia entrar nessa rubrica.

Pois bem, em rápida pesquisa no site do BID constata-se que, sim, o banco apoia projetos de manutenção, reforma e restauro de patrimônio histórico, com linhas de financiamento que dão até a possibilidade de “fundo perdido”; isto é, quando a prefeitura não precisa fazer a devolução dos valores.

Sendo assim, minha nova indagação/provocação é: Se há meio de subsídio para o patrimônio, por que a gestão não faz uso disso? Será que há conhecimento dessas fontes?

Pensar o território é algo relativamente recente e, pensá-lo de modo orgânico, considerando todas as suas especificidades, é um dos desafios do Desenvolvimento Territorial Sustentável. Para isso, é necessário a modelação de um novo olhar, um novo modo de ver e de gerir. Isso não se dá por decreto, nem acontece como mágica, é uma construção conjunta entre comunidade e poder público como representante desta comunidade. Nos capítulos que seguem faremos considerações a este respeito.

#### 4.2. O CENTRO HISTÓRICO SOB A PERSPECTIVA DA ESTÉTICA E DO DTS

Sendo a identificação e valorização do potencial dos territórios uma das premissas do Desenvolvimento Territorial, tem-se no Centro Histórico de Paranaguá uma importante formação, a qual se constitui por construções e conformações espaciais com elementos artísticos, estéticos e históricos peculiares que se configuram como potencial a ser valorizado e reconhecido, que podem vir a ser, dependendo das estratégias utilizadas para isso, uma contribuição ao desenvolvimento cultural e, conseqüentemente, territorial da cidade. (PEQUEUR, 2005; ZAOUAL, 2003, LEFEBVRE, 2011)

O processo de reconhecimento dos atores e de valorização dos potenciais dos territórios demanda de estratégias para sua realização. Sachs (2007) fala de uma “Educação Preparatória”, sob este aspecto, crê-se que ações que permitam aproximar, discutir, propiciar uma vivência estética do espaço possam contribuir para este processo. (SACHS, 2007)



É neste lugar, neste processo de reconhecimento e de valorização dos potenciais dos territórios que cabe pensar a Estética do Espaço como conceito a ser incorporado nos debates sobre o Desenvolvimento Territorial, considerando três aspectos da estética, ou seja: o primeiro aspecto está relacionado à estética como base para toda a construção deste novo modelo de pensamento em relação ao desenvolvimento. O segundo, à estética estendida ao espaço, onde o território construído nada mais é do que a conformação do fazer humano e das inter-relações que os habitantes fazem com seu meio.

Para Schiller (2002) a Beleza é condição para a existência da Humanidade e vice-versa. Beleza aqui é entendida como aquilo produzido dialogicamente entre razão e sentidos, como pensamento feito coisa no mundo - que só possui aquela forma porque pensado daquela maneira se caracteriza como individual e universal ao mesmo tempo.

Lefebvre (2011) considera a cidade e a vida urbana como essencialmente estéticas, pois são obras de um pensamento complexo. O pensamento estético é o que é capaz de perceber e gerar formas íntegras e integrais, pois carregam em si a identidade daquele que as pensou e gerou, e que se inter-relaciona, pois este objeto criado esteticamente apresenta subjetividades de tempos anteriores que alimentam a subjetividade dos transeuntes a partir dele. É essa posição que referencia na percepção de que a forma modifica o espaço por sua aparição em ação dialética na qual o edifício se corporifica como espaço, tempo e conhecimento. Ele re-conforma o espaço, conforma-se com o tempo e compreende com o conhecimento.

Por fim, o terceiro aspecto trata do pensar no Território como estético, como espaço de partilha do sensível, a partir do conceito de Jacques Rancière (2005 p. 7), onde “a partilha do sensível dá forma à comunidade. [...] o modo de como se determina no sensível um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas”. Espaço onde se identifica como o comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nesta partilha.

Considerando o objeto de estudo, Centro Histórico de Paranaguá / Palacete Visconde de Nácar e a percepção estética, é necessário fazer um estudo referente à estética do abandono, uma vez que o referido edifício, bem como outros exemplares arquitetônicos, encontra-se em estado de abandono. Aceitar abandonos dentro de uma área de preservação é subverter a ordem prévia. Esta aceitação do abandono

pode se configurar como parte integrante do Patrimônio e pode ser um recurso turístico, estético, histórico, poético e social. (ROCHA, 2010)

Lefebvre (2011, p.106) considera que a cidade, enquanto realidade acabada, decompõe-se dando espaços a novas conformações e vivências.

E ainda acrescenta:

O conhecimento tem diante de si, a fim de decupá-la e recompô-las a partir de fragmentos, a cidade histórica já modificada. Como texto social, esta cidade histórica não tem mais nada de uma sequência coerente de prescrições, de um emprego do tempo ligado a símbolos, a um estilo. Este texto se afasta. Assume ares de um documento, uma exposição, um museu. A cidade historicamente formada não vive mais, não é mais aprendida praticamente. Não é mais que um objeto de consumo cultural para os turistas e para o estetismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco. Impossível considerar a hipótese de reconstituição da cidade antiga, possível apenas encarar a construção de uma nova cidade, sobre novas bases, numa outra escala, em outras condições, numa outra sociedade. (LEFEBVRE, 2011, p.106)

Para Gaston Bachelard (1978, p.207), a casa é um corpo de sonho, local de abrigo dos sonhos e onde se aprende hábitos de devaneio particular. É o primeiro reduto - ninho, local ao qual - e onde realmente se pertence.

A relação de pertencimento com o espaço é tema recorrente nas teorias para o desenvolvimento territorial sustentável. Transpor a ideia de corpo de sonho à cidade, permite evocar reflexões e pensar em alternativas sensíveis e possíveis para o espaço.

Sendo a casa um corpo de sonhos, os edifícios abandonados evidenciam aquilo que deixou de ser sonhado, enunciam o fim do sonho de outrora. Pode-se considerar o testemunho apresentado no início deste texto, o qual diz que na década de 1970 as famílias endinheiradas deixaram a cidade quando esta passara por um ciclo econômico do qual não faziam mais parte.

Lefebvre (2011, p.13) faz uma crítica a este comportamento:

Quanto aos detentores de riqueza e do poder, sentem-se eles sempre ameaçados. Justificam seu privilégio diante da comunidade gastando suntuosamente suas fortunas: edifícios, fundações, palácios, embelezamentos, festas. (LEFEBVRE, 2011, p. 13)

E acrescenta que

A burguesia progressista que toma a seu cargo o crescimento econômico (...) e que caminha na direção da democracia e que substitui a opressão pela exploração, esta classe enquanto tal não mais cria; substitui a obra pelo produto. Aqueles que guardam o sentido da obra, inclusive os romancistas e os pintores, se consideram e se sentem “não burgueses”. (LEFEBVRE, 2011, p. 22)

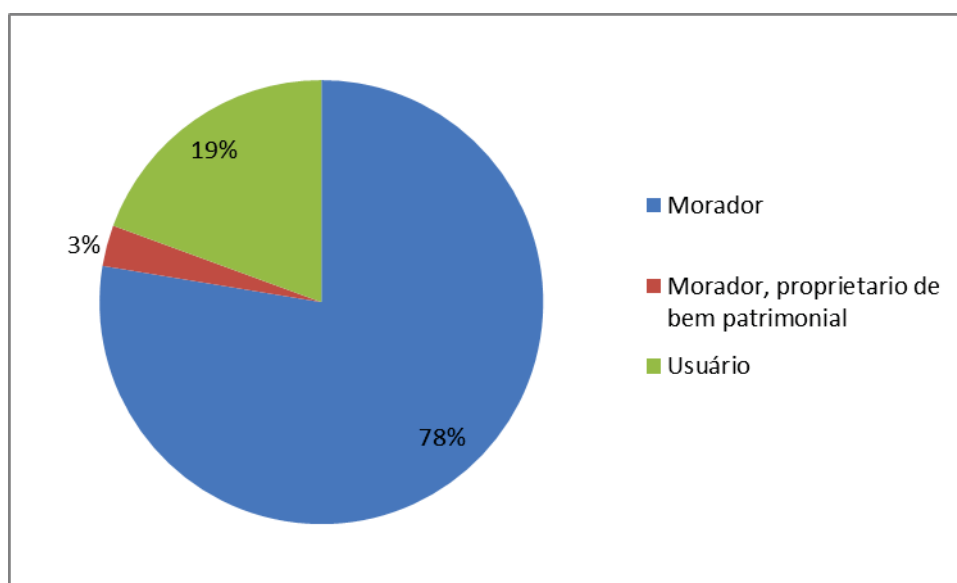
Para Lefebvre (2011, p. 22) a cidade é uma obra, e a obra depende mais do valor de uso que do valor de troca.

Não estão mais ali os que fizeram os primeiros sonhos de cidade. Aos que estão, o sonho não sobreviveu, são outros sonhos. Os sonhos primeiros tendem a serem “mantidos” como alegorias, não mais como obras no sentido atribuído por Lefebvre (2011), pois não há mais valor de uso prático. No entanto, cabe a reflexão de como estas edificações podem, mesmo que simbolicamente, ser reincorporadas ao cotidiano das pessoas; trazemos algumas contribuições neste sentido no capítulo 6.

## 5. CENTRO HISTÓRICO E PALACETE VISCONDE DE NÁCAR SOB A ÓTICA DOS ENTREVISTADOS – ANÁLISE DE DADOS

A partir dos princípios da Estética e do pensamento estético, pode-se observar que das 67 repostas, 78% foram de moradores, 19% de usuários - pessoas que trabalham ou estudam na cidade e moram em outra localidade litorânea - e 3% moradores - proprietários de bem patrimonial.

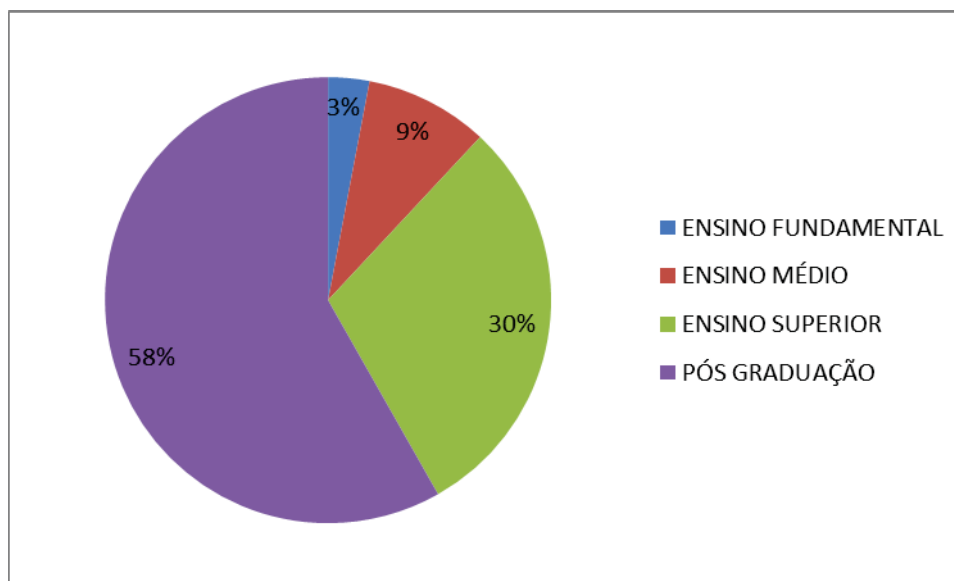
GRÁFICO 1– CLASSIFICAÇÃO DE MORADIA



FONTE: A Autora (2018)

A grande maioria dos entrevistados, 78%, possui nível superior, dos quais 58% têm pós-graduação.

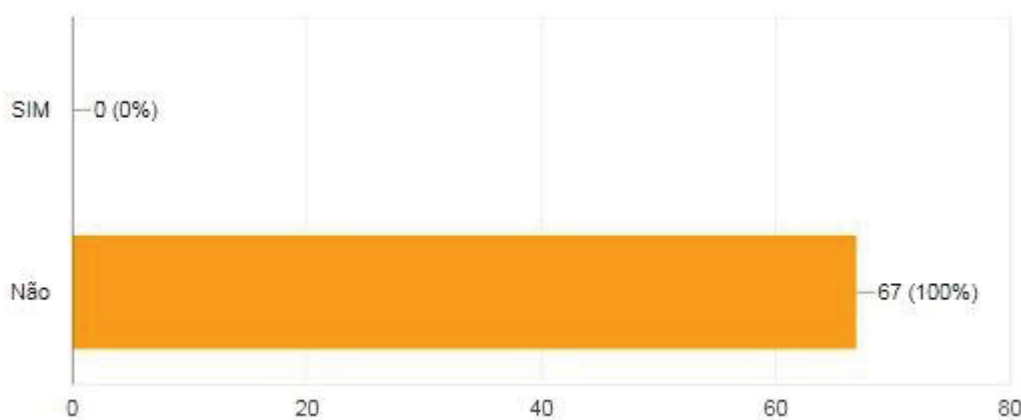
GRÁFICO 2 - ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS



FONTE: A Autora (2018)

Importante destacar que foi unânime a votação pelo “Não” quando da pergunta sobre a aprovação da demolição do Setor Histórico para construção de novos edifícios e casas.

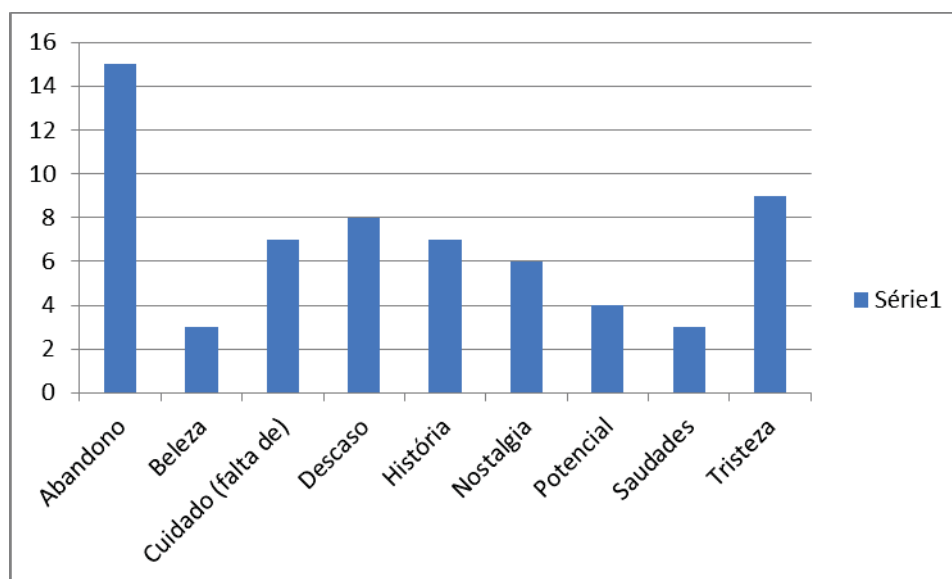
GRÁFICO 3 - VOCÊ APROVARIA A DEMOLIÇÃO DO SETOR HISTÓRICO PARA CONSTRUÇÃO DE NOVOS EDIFÍCIOS E CASAS?



FONTE: A autora (2018)

Para elaboração do gráfico abaixo, foram contabilizadas as palavras mais recorrentes nas respostas da primeira pergunta: “Quando olha para o Centro Histórico de Paranaguá, quais sentimentos lhe vêm à tona”? A pergunta era de resposta livre, não havia uma listagem pré-definida.

GRÁFICO 4– QUANDO OLHA PARA O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ, QUAIS SENTIMENTOS LHE VÊM À TONA?



FONTE: A Autora (2018)

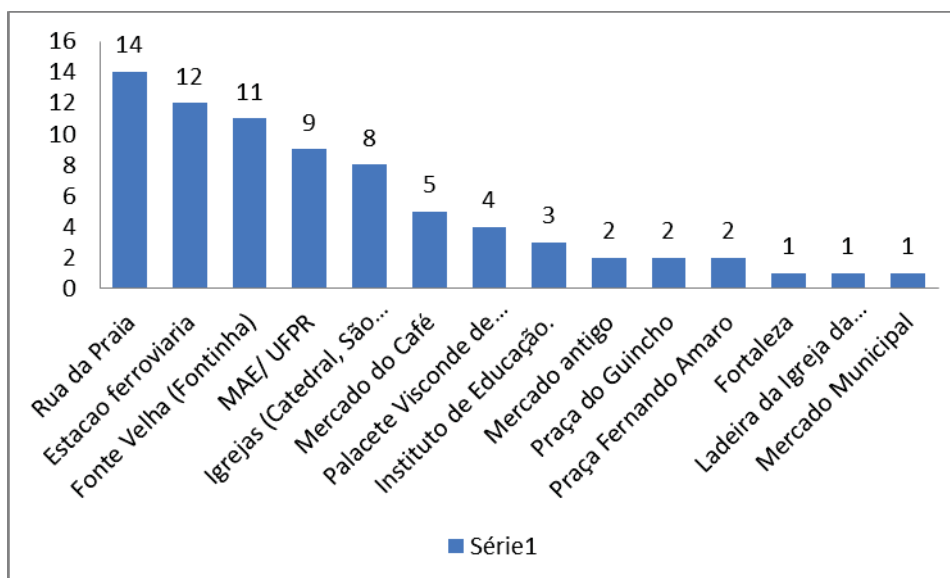
Esta tabulação quantitativa permitiu identificar que os entrevistados têm compreensão da importância histórica e cultural do Centro Histórico e que percebem uma falta em relação a este. Falta chamada de “abandono, descaso, tristeza”.

As respostas à primeira pergunta, que se refere aos sentimentos que vêm à mente dos entrevistados quando pensam no Centro Histórico, apontam para um lugar que intrinsecamente possui qualidades estéticas e que dialoga esteticamente com quem lhe faz uso.

As respostas/palavras/sentimentos elencados como um todo englobam todos os princípios acima descritos, pois partem da descrição das experiências cotidianas, bem como onde cada entrevistado acaba por dar mais ênfase a aspectos que correspondam às suas particularidades.

O Centro Histórico é um espaço que, por sua condição, pede uma leitura sensível. Por isso, em sua maioria, as respostas às perguntas atendem a mais de um princípio de análise.

GRÁFICO 5 – QUAL PATRIMÔNIO ESCOLHERIA COMO SÍMBOLO DA CIDADE?



FONTE: A AUTORA (2018)

A segunda pergunta se refere à escolha de um “patrimônio símbolo”. O local mais indicado foi o Casario da Rua da Praia (FIGURA 13), cuja beleza cênica se mostra em cartões postais e pinturas dos mais diversos artistas; mesmo com muitos dos exemplares arquitetônicos sob má conservação, mais uma vez evidenciamos a razão sensível, princípio 2. O segundo local mais indicado - a Estação Ferroviária - coloca-nos diante da noção de “todo” temporal e reconhecimento histórico, princípio 4; e princípio 7: o reconhecimento de uma potencialidade, de um dever. Tal edifício representa uma história de progresso, vinculada à própria história do país; a estação foi inaugurada por Dom Pedro II e, durante muito tempo, era a principal via de transporte terrestre, porém, caiu em desuso e seu estado era de total abandono até pouco tempo atrás, quando então houve uma mobilização política com alguma pressão popular que culminou em um novo restauro. Os usos futuros da nova Estação ainda não estão claros, mas a escolha desse edifício como símbolo da cidade nos coloca diante de um dever, de uma aposta no potencial histórico, cultural e arquitetônico.

FIGURA 12 – SOBRADOS RUA DA PRAIA



FONTE: Divulgação Carvalho Turismo (s/d)

As respostas sobre a importância do Centro Histórico, bem como sobre o Palacete Visconde de Nácar, reforçam as observações acima elencadas. Além disso, evidenciam o caráter estético deste território, uma vez que, per si, este espaço suscita reflexões que atendem a todos os princípios selecionados para análise e, mais que isso, as respostas refutam as hipóteses iniciais, de que os laços afetivos dos moradores já tinham sido quebrados e que a população preferiria a construção de novos prédios à preservação do Centro Histórico, como fora ouvido em muitas conversas informais.

Abaixo, apresenta-se respostas mais relevantes para cada um dos princípios elencados. Os documentos com todas as respostas na ordem de recepção dos questionários encontram-se nos ANEXOS E, F e G.(TABELA 2)



QUADRO 2 – ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR PRINCÍPIOS		
(continua)		
Princípio	Resposta mais significativa	Comentário
1	Além de guardar a memória da história coletiva, os usos e costumes, as riquezas culturais e, especialmente, a identidade do povo parnanguara; o centro histórico pode ser um vetor importante do desenvolvimento socioeconômico de Paranaguá por meio da atividade turística, a qual pode gerar renda e empregos por meio da atração de visitantes, tendo como produto de consumo esse espaço geográfico, desde que conservado e revitalizado. (Entrevistado A)	Este entrevistado tem um olhar bastante apurado e consegue falar de história, de partilha sensível, de vislumbre de porvir; olhar e discurso que são o prenúncio de uma experiência direta, racional e sensível com o espaço.
2	É o coração da cidade onde deveria ser restaurado para fins turísticos, artísticos etc. (Entrevistado B).	A razão sensível está presente em quase todas as respostas, uma vez que os entrevistados apresentam questionamentos, angústias e soluções para além da função de troca, e onde a afetividade com o espaço fica visível.
3	O centro histórico é <b>a nossa</b> identidade. Através dele podemos ver o nosso passado. (Entrevistado x); É um dos <b>ossos</b> cartões postais, poderia ser muito melhor utilizado para fins turísticos (Entrevistado C) (Entrevistado y)	O pronome possessivo nas duas frases identifica respostas cuja motivação se dá pela sensação de pertencimento.
4	As edificações refletem uma linda imagem cultural e artística da época e a preservação do centro histórico significaria a preservação de uma parte da história não apenas de Paranaguá, mas também do Paraná e do Brasil. (Entrevistado D).	O entrevistado reconhece a dimensão histórica local e nacional do Centro Histórico.
5	O centro histórico é fundamental para o comércio geral da cidade, mas sua importância histórica e a possibilidade da exploração turística são extremamente renunciados. (Entrevistado E)	Além do entrevistado levantar a questão do comércio local, fundamental para sobrevivência das famílias, ele aponta a renúncia da questão histórica e da potencialidade turística. Essa insatisfação com a postura do poder público aparece em muitas das respostas e demonstra uma percepção do espaço público como de partilha sensível.

QUADRO 2 – ANÁLISE DAS RESPOSTAS POR PRINCÍPIOS (conclusão)		
Princípio	Resposta mais significativa	Comentário
6	Importância extrema para a transformação da cidade e da melhora da vida das pessoas. Se houvesse uma preservação real e valorização do Centro Histórico, via políticas públicas, talvez as pessoas conheceriam melhor a história do país e de sua cidade, atravessada pela violência, escravidão, tráfico de escravos, enriquecimento ilícito de famílias escravistas, racismo, repressão do Estado, sonegação de impostos e corrupção entre propriedade privada e Estado. Um problema de longo prazo, que se estende até hoje. (Entrevistado F)	O entrevistado aponta alguma solução de transformação, há nessa resposta uma preocupação dialógica entre presente e passado, em uma menção clara ao conceito de direito à cidade e à vida urbana.
7	Tem importância como patrimônio, para que o parnanguara possa valorizar questões culturais, também é importante para utilizar em ações com visitantes, trazendo maiores resultados na área de turismo da cidade. (Entrevistado G)	Muitas das respostas associam o Centro Histórico ao turismo e a um possível desenvolvimento socioeconômico. A vocação turística e eminente aos moradores que se queixam da falta de políticas públicas de fomento.

FONTE: A autora (2018)

O Centro Histórico tem força afetiva para estes moradores a ponto de afirmarem que: “O centro histórico é a história viva. A história materializada. Culturalmente e sentimentalmente falando, o centro histórico deveria ser prioridade de preservação e divulgação” (Entrevistado 4).

Em relação ao palacete Visconde de Nácar, a grande maioria dos entrevistados (87%) conhece o edifício, no entanto, menos da metade desses tem conhecimento de sua história, mesmo assim as respostas giram em torno da importância arquitetônica e histórica da construção, bem como da identificação do potencial turístico e do evidente abandono.

O espaço do Centro Histórico é eminentemente estético, uma vez que é fruto de um labor humano e de permanente reconstrução simbólica e sensível, território permanentemente construído e reconstruído, além de suscitar percepções de natureza sensível nos entrevistados - conforme percebeu-se nas respostas desta pesquisa, quando responderam a contento ao problema de pesquisa, que era: compreender qual o potencial inerente aos recursos urbanísticos de um centro

histórico, referenciado na estética do espaço, para ampliar a perspectiva cultural que ampare premissas de desenvolvimento.

Além dessas reflexões, chaga-se também ao objetivo geral que pretendia compreender a estética do espaço e o pensamento estético como possibilidade de eclosão de desenvolvimento cultural como condição ao DTS. Atende-se também aos objetivos específicos, uma vez que fica evidente a compreensão das pessoas que convivem no Centro Histórico de Paranaguá das suas potencialidades, especificidades e de suas mazelas; da importância histórica e cultural das edificações patrimonializadas.

A proposta de roteiro educativo, descrita no próximo capítulo, busca atender aos demais objetivos específicos: sensibilizar os habitantes em relação às questões referentes à paisagem para fomentar o **reconhecimento** destes habitantes como pertencentes ao espaço e agentes/atores ativos em seu desenvolvimento; e promover, por meio do pensamento estético, a apropriação cultural inerente aos espaços urbanos.

## 6. O ABANDONO COMO RECURSO POÉTICO, ESTÉTICO, EDUCATIVO<sup>10</sup>

Neste capítulo, retomo uma linguagem que me é habitual, a prosa poética, de modo a conformar com mais precisão algumas proposições originárias da pesquisa.

Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmos traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. (CALVINO, 2003 p.32-33)

Paranaguá – Paraná. Porto. História que se confunde com a própria história do país – extração de ouro, tráfico de escravos, ciclo do café, da erva mate, dos grãos. Sonhada para ser capital da província, Paranaguá ainda tem traços arquitetônicos da suntuosidade de seus moradores e de sua primeira vocação.

Sobrados de vidro aparente, com eira, beira e tribeira. Ladrilhos hidráulicos, sacadas, colunas ecléticas, estrada de ferro e estação de trem, indícios do progresso, do dinheiro e do sonho de outrora.

O Centro Histórico é protegido pelas esferas federal, estadual e municipal. Compreende-se o valor estético e histórico da arquitetura urbana. Ao caminhar por este Centro, aos poucos a cidade começa a se revelar, muitos destes exemplares arquitetônicos - representantes dos sonhos de outrora - encontram-se em estado de abandono. A ordem prévia, da preservação e da História, foi subvertida. (ROCHA, 2010)

Subversão e antagonismo. O abandono coabitando o espaço preservado. Em Paranaguá é comum encontrar quadras inteiras de edificações em desuso.

Bachelard (1978) considera a casa um corpo de sonho e, aqui, estendemos o conceito à Cidade. Se comparássemos edifícios abandonados a corpos humanos? Um edifício abandonado pode ser pensado como um corpo cuja alma original –

---

<sup>10</sup> Parte deste capítulo foi publicada como ensaio na revista *Arquiteturismo*, nº 130, 2018. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/11.130/6841>

aquela que lhe foi soprada às narinas assim que terminada a formação – já o deixou para trás e acaba a dar corpo a outras vidas, outras ocupações. Uma nova encarnação em um corpo antigo, das vidas que habitam o abandono – o musgo, o líquen, a aranha, a teia, os sem-teto que abrigam tetos sem propriedade afetiva.

Ou como nos aponta Rocha (2010,p. 45):

Num primeiro momento, apenas uma casa abandonada, em qualquer lugar, vizinha a tantas outras, nossa vizinha. Por ela passamos todos os dias, caminhamos pela rua, que também acumula a sujeira, os restos, o capim, ao redor dessa casa, saindo pelas frestas, ruindo o reboco. A casa lar que antes abrigava uma família, agora se abre aos desabrigados, vagabundos e bandidos. Abandona-se ao bando. (ROCHA, 2010, p. 45)

Edifícios que contam uma história cujo ponto de partida é o fim, o fim do sopro nas narinas do boneco de barro, que se esvai, mas deixa o corpo que fica se deteriorando à vista. Talvez seja neste lugar o incômodo diante dos edifícios abandonados: A evidência, clarividência da morte, do fim. Do sonho que deixou de existir, cuja materialidade explícita não oferece alternativa senão ficarmos diante do fim, da ação do tempo, da corrosão/transmutação da matéria.

Essas imagens de abandono convocam a imaginação, e tocam (des) afetos. O antagonismo dos edifícios abandonados dentro de áreas de preservação só reforça a sensação incômoda do fim sem funeral. A cada semana um novo líquen, uma nova teia, uma nova rachadura, um desabamento.

Para Choay, 2001, p. 133:

Campos de deleite, redes de laços afetivos e novos tecidos com vestígios dos movimentos históricos (...). Muralhas, esqueletos, musgos, ervas daninhas, rosto erodido do apóstolo no pórtico. Lembram que a destruição e a morte são o término desses maravilhosos inícios. (CHOAY, 2001, p. 133)

Talvez a função desses edifícios seja somente oferecer à paisagem reflexão como o estopim de narrativas individuais para que, de algum modo, se possa relacionar-se com os próprios fins. E repensar a Cidade, os espaços, os vazios, aquilo que já não tem mais serventia senão ao olhar, à contemplação.

Em Paranaguá há um tempo que passou que permanece parado, mumificado em algumas edificações que guardam vestígios de beleza que um dia houve. Uma

vitruve do para trás à espera de um olhar que as desabandone, pois olhar para um abandono já é um des-abandonar. (Rocha, 2010, p. 60)

Assim, em uma proposição de um desabandono, desenha-se aqui uma possibilidade de ação educativa e sensível: a proposta de um roteiro de visita que pode ser explorado como material pedagógico, tanto quanto proposta turística. Um roteiro possibilita o aproveitamento racional de um determinado espaço geográfico, estabelecendo diretrizes para o desencadeamento de posterior circulação, podendo estimular e fortalecer determinados pontos estratégicos. (BAHL, 2004)

Nesta proposta, alguns edifícios abandonados/fechados da cidade são mapeados e identificados a partir de informações como: estilo e características arquitetônicas; ano provável de construção; pequena história, se houver; antigos proprietários e usos conhecidos.

O sentimento de pertencimento a um lugar é uma das premissas teóricas do DTS, pois cidadania é antes de tudo consciência crítica e estética do estar no mundo. A forma pela qual o habitante se implica na cidade já é um indicador de sua ação, sendo a afetividade um indicador de ética e cidadania na cidade. (BONFIM, 2010)

Por isso,

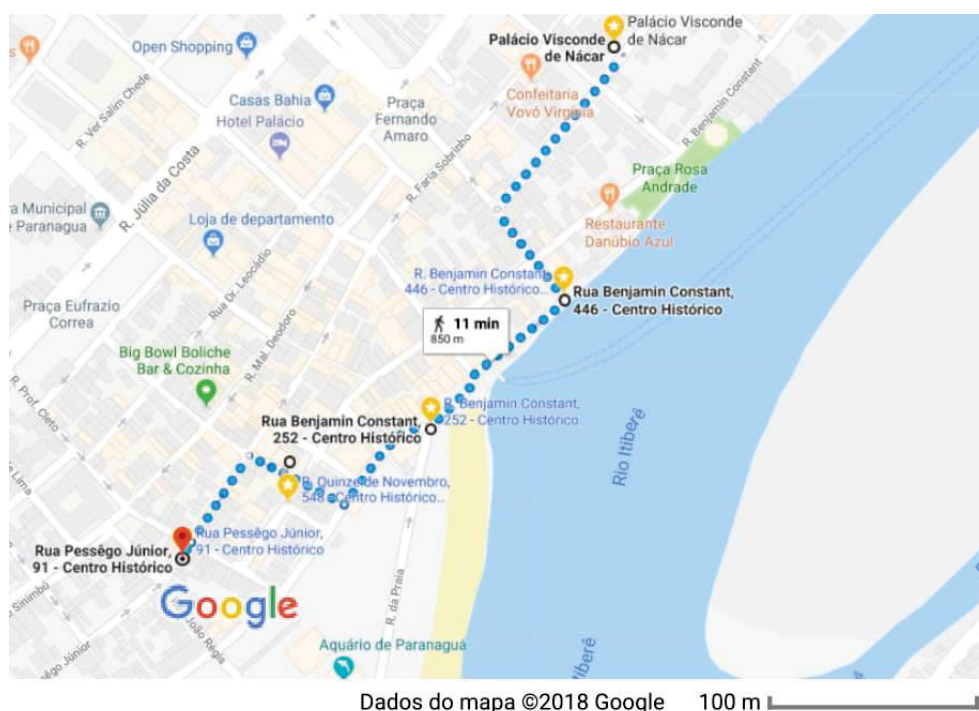
Um povo ou uma classe afastados de seu próprio passado estão muito menos livres para escolher e agir como um povo ou uma classe do que aqueles capazes de situar-se na história. Eis por que - e esta é a única razão - a arte inteira do passado tornou-se hoje uma questão política. (BERGER, 1999, p. 35)

Para uma partilha do sensível é necessário que as pessoas saibam o que está sendo partilhado. Neste caminho, como primeira sugestão para uma proposta educativa e sensível, listam-se os seguintes edifícios: Palacete Visconde de Nácar (FIGURA 16); casarios da Rua da Praia (FIGURA 17); sobrado colonial na esquina das ruas Prof. Cleto e Rua Pecego Junior (FIGURA 18); Edifícios na rua XV de Novembro (FIGURA 19).

Só vemos aquilo que olhamos. Olhar é um ato de escolha. Como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito do nosso alcance - ainda que não seja necessariamente o alcance da mão. (BERGER, 1999, p. 10)

Se ao olhar o abandono já o desabandonamos, é necessário que se exercite este olhar, e esta escolha. O olhar que convoca à reflexão é o olhar estético, aquele cuja sensibilidade dialoga com a razão sensível; esta pode voltar-se ao objeto olhado de modo a produzir novos significados, para além do imediato.

FIGURA 13– PERCURSO DO ROTEIRO EDUCATIVO DOS ABANDONOS



FONTE: A autora (2018)



FIGURA 14 – PALACETE VISCONDE DE NÁCAR



FONTE: A Autora (2016)



FIGURA 15 – CASARIO RUA DA PRAIA



FONTE: A Autora (2016)

FIGURA 16 – SOBRADO COLONIAL



FONTE: Google maps (2018)



FIGURA 17 – EDIFÍCIOS RUA XV DE NOVENBRO



FONTE: Google Maps (2018) / A Autora (2016)

Nesta seleção de edifícios, obrigatoriamente será necessário caminhar pelo Centro Histórico, experiência que por si, já leva a outros níveis de compreensão do espaço. Para Duarte Jr (2001, p. 81) uma cidade que não permite caminhar é uma cidade que nega uma moradia para a mente.

Em uma caminhada de pouco menos de um quilômetro é possível, além dos edifícios selecionados, conhecer outros espaços da cidade e inserir-se em sua atmosfera.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já apontado no decorrer da pesquisa, existe uma grande lacuna entre a ação do poder público e os modos de percepção da importância simbólica desse Centro Histórico por parte dos que convivem neste espaço. A questão do patrimônio histórico de Paranaguá está para além de uma compreensão imediata.

Parece que a situação de abandono dos edifícios históricos é a única consequência possível diante desse tipo de atitude público-privada.

Talvez seja a partir da compreensão simbólica do que está abandonado que se possa fazer um movimento, para reversão de valores, conscientização e sensibilização em torno do recurso de desenvolvimento cultural e, a posteriori, territorial do que o Centro Histórico é.

O pensamento estético tem muito a contribuir para a proposição de alternativas de Desenvolvimento Territorial Sustentável. Com qual olhar nos ateremos à premissa de que um dos desafios é a identificação dos potenciais dos territórios?

O racionalismo e a lógica de mercado farão as soluções serem tiros pela culatra, como exemplos descritos nesta pesquisa ou como o mega projeto de construção de um novo porto em Pontal do Paraná.

O sensível tende a propor outros tipos de solução, cujos resultados são de médio a longo prazo, porém, sem resíduos negativos. Como é o caso dos restauros patrimoniais pensados, do ecoturismo, da certificação de produtos locais, entre outras saídas possíveis que podem surgir a partir do olhar educado.

O produto desta pesquisa - os sete princípios estéticos, elaborados como subsídio de análise de dados - pode também ser instrumento de análise territorial urbana sob uma perspectiva sensível, e não apenas econômica, o que pode trazer a ampliação das discussões sobre os territórios e acerca da ação dos agentes sobre eles.

Além disso, penso ser importante voltar à pergunta motriz deste trabalho, feita pela palestrante carioca: “Quando esta cidade deixou de ser amada?”. Pelo que indicou o olhar dos entrevistados, existe sim uma compreensão da importância histórica e afetiva desse espaço, com claro sentimento de indignação diante da passividade do poder público.

A fala do advogado da Associação Comercial, citada no início desta pesquisa, mostra-se muito valiosa, porque aponta também uma mudança econômica, que também é política, uma vez que, conforme o histórico de formação da cidade, o espaço urbano estava mais para aquilo que Lefebvre criticava: a justificativa dos privilégios dos detentores de riqueza e poder com gastos suntuosos em edifícios, palácios, embelezamentos e festas.

Esta riqueza permitiu construções herdeiras no tempo, as quais talvez como sonho original, não passassem de palcos para encenação de interesses individuais. Todavia, esses vestígios continuam em pé, talvez em uma atitude de reclamar por um olhar.

A manutenção, restauro e uso de um Centro Histórico implica não só na sua manutenção física, como também em sua manutenção simbólica. Penso que o descaso em relação ao Centro Histórico possa também ter relação com aquilo que ele esconde, com aquilo que não deve ser trazido à superfície como verdade. Paranaguá do século XIX se constituiu a partir dos negócios do Visconde de Nácar, a cidade, os imóveis, os negócios e as pessoas giravam em torno dele. A questão do tráfico negreiro é falada à boca miúda, com insinuação de romantização da memória popular. Mais bonito pensar em Paranaguá como “cidade-mãe do Paraná”.

Talvez o abandono do Centro Histórico seja uma maneira inconsciente de purificar a memória, que denuncia também a sociedade que o construiu, uma sociedade em escombros.

Talvez deixar a ruína aparecer seja o modo que o pensamento estético transformado em ação – ou em “não ação” - tome para poder ressignificar a história dessa cidade que, talvez, em sua origem não tenha sido “amada”, mas sim utilizada como palco de micropoderes. Talvez o amor e a indignação dos entrevistados estejam mais vinculados a um ideal de representação da cidade representada, do que à memória real que carrega.

Talvez o amor à Paranaguá esteja no devir, na compreensão real das teias antigas, nas memórias que nem sempre são agradáveis, na impossibilidade de permanência, manutenção e continuidade de certos espaços e que isso faz parte da dinâmica de uma cidade – e porque não, da própria vida. Muitas vezes, tenho a impressão de que esta cidade se cansou de ser velha. Talvez neste devir, Paranaguá venha a ser uma cidade de “seu agora”, sem o peso de uma tradição cujo fracasso é denunciado em forma de ruína, e que estas ruínas possam ser

fragmentos de um passado que dialoga com o presente, sem a necessidade de uma promessa de “conserto” ou de “resgate”. E, quiçá, tenham pessoas no poder público com olhar atento na busca de uma partilha do sensível.

### 7.1. RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O estudo aprofundado da obra de Henry Lefebvre se faz mister, uma vez que seu posicionamento crítico, aprofundado e atual, traz importantes reflexões para o uso do espaço urbano, principalmente se em diálogo com as premissas do DTS.

A questão dos abandonos como recurso poético, filosófico, educativo, turístico valeria ser aprofundada, pois, em cada vertente dessas é possível elaborar ações e novos conceitos que convidem à ressignificação da ideia de abandono, quem sabe até através da fenomenologia, tratando os edifícios abandonados como fenômenos, per si. Além disso, a proposição de oficinas de mapas afetivos e educação patrimonial podem ser recursos de sensibilização.

Vale também considerar que o aprofundamento e a ampliação conceitual para cada um dos sete princípios estéticos elaborados neste trabalho, bem como sua sistematização para a leitura estética dos territórios, poderão ser de relevância ao estudo e aos debates do Desenvolvimento Territorial, sendo uma possibilidade de continuidade desta pesquisa. Outra possibilidade de trabalho futuro é a contraposição entre a Paranaguá Imperial e a Paranaguá Caiçara, uma vez que estas se esbarram pelos trabalhos consultados, porém, sem a atenção definida.



## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Cinthia M. de Sena; CHEMIN, Marcelo; GÂNDARA, José Manoel. A oferta turística de Paranaguá (PR): uma análise de atrativos e equipamentos de hospedagem. **CULTUR**, ano 06 - nº 04 - Out/2012 Disponível em: <[www.uesc.br/revistas/culturaeturismo](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo)>. Acessado em : 10 de dezembro de 2016.

ACOSTA Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad.: Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante, 2016.

ALMEIDA, Alcionir Pazatto. **A Percepção da Paisagem Urbana de Santa Maria/RS e os sentimentos de Topofilia e Topofobia de seus moradores** - Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSM, RS, 2007. Disponível em:> <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/9267><. Acesso em: 20 de fev. de 2017.

ALVES, Alessandro Cavassin. A família de Manoel Antonio Guimarães na composição do poder local em Paranaguá no Século XIX. **REVISTA NEP** (Núcleo de Estudos Paranaenses), Curitiba, v.3, n.1, p. 209-237, maio 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/nep.v3i1>

ARENDT, Hanna. **O que é política?** 3ª. ed. Trad.: Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad.: Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAHL, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Vicentina, 2004.

BERGUER. **Modos de ver**. Trad.: Lucia Olinto. – Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Folha, 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad.: Luciano Vieira Machado. Editora Unesp, Estação Liberdade, São Paulo; 1ª edição, 2001.

CORAGGIO. José Luis. **Dentro del campo de la economía social y solidaria**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais – v. 15, n.2, 2013. – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional; editor responsável Carlos Antônio Brandão, p. 11-24.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: A educação (do) Sensível. Curitiba: Criar, 2001.

**Espirais do Tempo: bens tombados do Paraná**. Cyro Illidio de Corrêa Oliveira Lyra: Textos; Rosina Coeli Alice Parchen, José La Pastina Filho: Consultoria de dados históricos, revisão final; Larissa Aparecida Brotto: tradução e revisão espanhol. – Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FEIBER, Silmara Dias: O PAPEL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: A Igreja Nossa Senhora de Fátima em Cascavel – PR. **Dissertação (Mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: > <http://hdl.handle.net/1884/25735>> Acesso em: 21 de fev.de 2017.

FREITAS, Waldomiro Ferreira. **História de Paranaguá: Das origens à atualidade**. Paranaguá: IHGP, 1999.

GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JABUR, Rodrigo Sartori; BORTOLUCCI, Maria Angela Pereira de Castro e Silva. **Conjunto Histórico de Paranaguá: Intervenção e Preservação**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: > [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890718\\_ARQUIVO\\_conjunto\\_historico\\_paranagua.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890718_ARQUIVO_conjunto_historico_paranagua.pdf)>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

LACERDA, Maria Thereza B. de, POLINARI, Marcello. **O Palacete Visconde de Nácar**, notas datilografadas, CPHA, Curitiba, 1984.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias, 5ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Centauro, 2011.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LISBOA, Armando de Melo. 2000. "A Crítica de Karl Polanyi à Utopia do Mercado". Instituto Superior de Economia e Gestão – **SOCIUS** Working papers nº 2/2000, 20p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORIN, Edgar. **Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. 9. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (p. 13-47)

NARDI, Letícia. **Centro Histórico De Paranaguá-PR: usos e sentidos na cidade contemporânea**. 2011 228 pág. **Dissertação (Mestrado)** Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em:> <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95596>> Acesso em: 16 de março de 2017.

NASCIMENTO, Evandro Cardoso do, SULZBACH, Mayra Taiza, DENARDIN, Valdir Frigo. **Patrimônio Cultural e Ecodesenvolvimento**: estratégias para o desenvolvimento territorial sustentável. Vol 2. Num 2. II Seminário Nacional de Planejamento e Desenvolvimento – 2014, Seminário de Geografia - UDESC. Disponível em: > <http://200.19.73.116/anais2/wp-content/uploads/2015/08/779.pdf>< Acesso em: 05 de jan. 2018.

**O Palacete Visconde de Nacar**. Boletim de Bens Tombados do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Cultura, Curitiba, 1990.

Palácio Visconde de Nacar tem grande índice de predação. **Folha do Litoral**. Paranaguá. s/n. 12/09/2016. Disponível em <https://folhadolitoral.com.br/palacio-visconde-de-nacar-tem-grande-indice-de-depredacao/#.WobPylrwbIU> Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 361-365.

PEQUEUR, Bernard. **O Desenvolvimento Territorial**: Uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. Campina Grande. Raízes, v.24. n.01 e 02, p.10-22, jan/dez. 2005. Revista Internacional de Direito e Cidadania, n 2, p. 12-40, outubro, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**: Estética e Política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed.34, 2005.

**Comunidade estética**. Trad.: Aurora Baêta. Territórios de filosofia. 12 de junho de 2014. < Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/06/12/a-comunidade-estetica-jacques-ranciere/>> . Acesso em: 05 de janeiro de 2018.

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono** (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte). 2010. 526 páginas. **Tese (Doutorado)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24722/000746117.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

SACHS, Ignacy. **Rumo à socioeconomia**: teoria e prática do ecodesenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. Trad.: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SOUZA, Larissa Alexandra Cavalcanti de. Entre as transformações na paisagem e o sentido de lugar: o caso do Paço da Liberdade (Curitiba, Paraná, Brasil). 2013. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal do Paraná, 2013, 160 pág. Disponível em: > <http://hdl.handle.net/1884/30321><. Acesso em: 10 de março de 2017.

SOUZA, Silvana do Rocio de. O Patrimônio Histórico da Lapa como representação social: Algumas relações entre a Geografia e o Turismo. 2011. 173 páginas. **Tese (Doutorado)**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em:< <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26016/tese%20da%20silvana%20completa.pdf;jsessionid=19FE818E7CF2000187188E63E88501D6?sequence=1>> Acesso em: 05 de jul. de 2017.

SZYMBORSKA, Wisława. **Poemas**, seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

**Visconde de Nacar**: o Homem, o Político, o Patriarca. Boletim de Instituto histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Volume XVIII, 1973.

WERNECK, Carolina. **Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá.** Gazeta do Povo. 14/08/2017. HAUS. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/abandonado-palacete-que-hospedou-dom-pedro-vira-casa-para-pombos-em-paranagua/> Acesso em: 21/08/2017

WESTPHALEN, Cecília Maria. A Introdução de Escravos Novos No Litoral Paranaense. In: **Porto de Paranaguá**, um sedutor. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

ZAOUAL, Hassan. **Globalização e Diversidade Cultural.** São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_ **O homo situs e suas perspectivas paradigmáticas.** In: revista OIKOS. Rio de Janeiro, Volume 9, nº1, 2010. Disponível em: <[www.revistaokos.org/seer/index.php/oikos/article/download/196/126](http://www.revistaokos.org/seer/index.php/oikos/article/download/196/126)>. Acesso em: 10 janeiro de 2016.

## APÊNDICE A – COMO VOCÊ VÊ O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ?

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeYclZtxx2BpxeWYpmPGd6EgKzxTNT2w6FSGAjiwFUHJy3Fkg/viewform>

### COMO VOCÊ VÊ O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ?

Este instrumento tem por objetivo, estritamente acadêmico, coletar informações de como o Centro Histórico de Paranaguá é visto pelos moradores.

Os dados comporão pesquisa de Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável - UFPR/ Litoral.

Marcela C. Bettega - [bettega.marcela@gmail.com](mailto:bettega.marcela@gmail.com)

Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável - PPG DTS  
Universidade Federal do Paraná - UFPR Setor Litoral.

\*Obrigatório

Em qual das categorias abaixo você se encaixa? \*

Morador de Paranaguá

Morador de Paranaguá e proprietário de bem patrimonial tombado

Usuário - trabalha na cidade, mas mora em outro município

Há quanto tempo você mora em Paranaguá?

Até 5 anos

de 6 a 10 anos

de 11 a 20 anos

acima de 21 anos

Qual sua idade?

até 20 anos

de 21 a 35 anos

de 36 a 50 anos

acima de 50 anos

Qual o seu gênero? \*

Feminino

Masculino

Outro:

Qual sua escolaridade? \*

Ensino Fundamental

Ensino Médio  
Ensino Superior  
Pós-Graduação

Qual sua profissão?

Sua resposta

Quando olha para o Centro Histórico de Paranaguá, quais sentimentos lhe vêm à tona? \*

Responda livremente a primeira ideia que lhe vêm à cabeça.

Sua resposta:

Na sua opinião qual a importância do Centro Histórico para a cidade? \*

Sua resposta

Qual patrimônio ou monumento ou lugar do Centro Histórico você escolheria como símbolo da cidade? \*

Sua resposta

O que esse lugar escolhido representa? \*

Justifique sua resposta anterior.

Sua resposta

Você aprovaria a demolição do Setor Histórico para construção de novos edifícios e casas? \*

SIM

Não

Se respondeu "SIM" à pergunta anterior, por favor, explique o porquê:

Sua resposta

Você conhece este edifício?



Foto: Macaxeira

SIM

NÃO

Sabe onde este edifício fica localizado? \*

SIM

NÃO

Você conhece alguma história vinculada a esse edifício?

SIM

NÃO

Se respondeu "SIM" à pergunta anterior, por favor, conte-nos qual história conhece:

\*

Sua resposta

O que este edifício representa para você? \*

Escreva a primeira coisa que lhe vier à cabeça, livremente.

Sua resposta

Obrigada!

Agradeço sua participação, caso tenha interesse em conhecer os dados desta pesquisa, deixe, por favor, seu email.

Sua resposta

ENVIAR



# ANEXO A – MATÉRIA JORNALÍSTICA: ABANDONADO, PALACETE QUE HOSPEDOU DOM PEDRO VIRA CASA PARA POMBOS EM PARANAGUÁ

16/02/2018

Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá | Haus

GAZETA  
DO POVO

ASSINE

ENTRAR

# arquitetura

BUSCA 

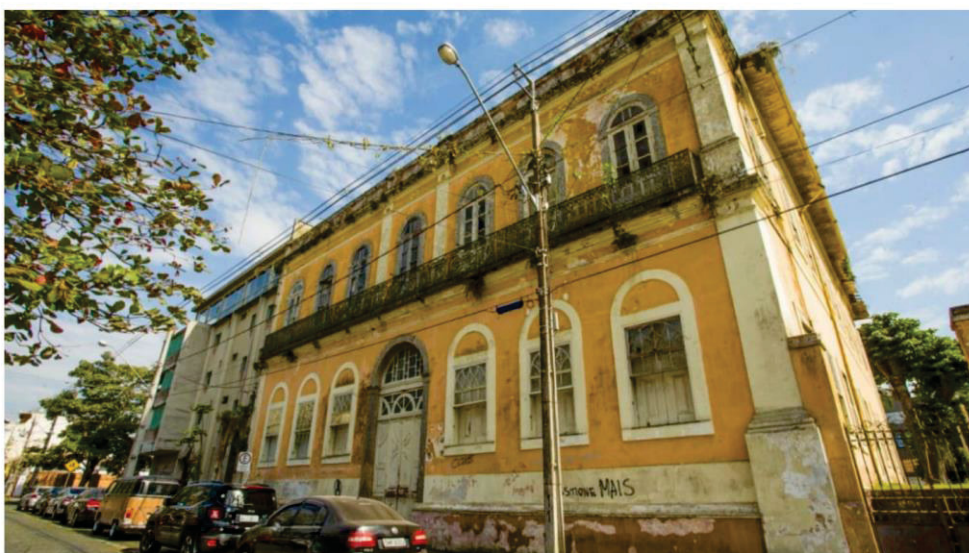
Gazeta do Povo / Haus / Arquitetura



PUBLICIDADE

## Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá

Construído em 1856, o Palacete Visconde de Nacar, em Paranaguá, hospedou Dom Pedro II em 1880. Hoje, edifício serve de pouso para pombos



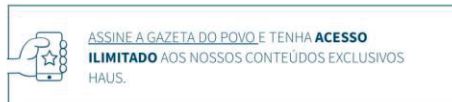
Na fachada do prédio de 1856, as marcas do abandono: tinta descascando e janelas quebradas. Foto: Hugo Harada/Gazeta do Povo

por  
Carolina Werneck\*

14/08/2017

compartilhe

Poucas construções representam tão bem a relevância de Paranaguá nos tempos do império quanto o Palacete Visconde de Nacar. O edifício de 160 anos ergue-se amarelento em uma rua de paralelepípedos cujo nome também rende homenagem ao antigo dono do casarão.



Quem passa por ali apressado pode não prestar atenção ao número 33 da estreita alameda. Agora desbotado e cheio de mofo

<http://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/abandonado-palacete-que-hospedou-dom-pedro-vira-casa-para-pombos-em-paranagua/>

1/8

16/02/2018

**Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá | Haus**

e infiltrações, o endereço já hospedou até um imperador. Foi em 1880, quando Dom Pedro II, então imperador do Brasil, desembarcou em Paranaguá para uma visita à província que ele mesmo havia emancipado quase 30 anos antes. Mas o casarão pouco guarda de seus anos de glória. Abandonado pelo poder público, ele resiste como pode às investidas do tempo e do esquecimento.



Muitas infiltrações são vistas tanto no exterior quanto no interior do palacete.  
Foto: Hugo Harada/Gazeta do Povo

Ao avistar o prédio pela janela do carro, o arquiteto Key Imaguire Jr., ex-membro do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, impressionou-se. "Olhe o estado em que ele está", limitou-se a lamentar, enquanto corria os olhos por cada marca deixada pelo descaso no palacete, que é tombado pelo Patrimônio Estadual desde 1966.

Do lado de dentro a situação é ainda mais triste. Logo no saguão de entrada, caixas e mais caixas de documentos se acumulam – uma cena que se repete em quase todos os cômodos do casarão. Sobre elas, além da poeira, muita sujeira feita pelos pombos que tomaram conta do lugar. Eles parecem estar em toda parte, no forro do prédio, no assoalho e até sobre os móveis que, meio capengas, ainda se encontram por lá. Durante a visita, os animais não param de arrulhar e dão a sensação de que a casa é mesmo deles.

### Governo se mete no seu Whatsapp, financiamento de campanha e reforma trabalhista a perigo

por Gazeta do Povo



Governo se mete no seu Whatsapp, financiamento de campanha e reform...



Pré-candidato ao governo, Osmar Dias é sabatinado pela Gazeta

### Mais lidas

- 1 Três cidades que usaram o urbanismo para se reinventar
- 2 Decore você mesmo o seu lar
- 3 12 mobiliários inteligentes que integram as pessoas às cidades
- 4 Homem constrói igreja de árvores em quatro anos

PUBLICIDADE



## Como investir em Bitcoin

Não tem certeza de como investir em Bitcoin? 5 passos para cadastrar-se e investir.

16/02/2018

Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá | Haus



Documentos estão empilhados no saguão de entrada do palacete. Foto: Hugo Harada/Gazeta do Povo



Do lado de dentro, a sujeira dos pombos tomou conta de quase todos os cômodos. Foto: Hugo Harada/Gazeta do Povo

Construído em 1856 para ser a sede do governo do estado, o palacete teve sua vocação inicial frustrada pela instalação da capital da província em Curitiba em vez de Paranaguá. Tornou-se, então, residência da família de Manoel Antônio Guimarães, "um dos mais empreendedores negociantes do litoral da província e o mais importante exportador de erva-mate", de acordo com o livro *Espiraís do Tempo*, da Secretaria de Estado da Cultura. Imaguire detalha que o edifício tem "uma composição em faixas e é perfeitamente simétrico. A curvatura nas janelas é característica do período. Na parte de baixo a gente nota que essa curvatura é falsa, o que é uma prática comum no eclétismo. Você põe a forma, mas o conteúdo estrutural não é contemplado". O arquiteto aponta, ainda, a platibanda que impede que a água do telhado caia na rua. "Os telhados da arquitetura colonial jogavam água na rua. Nesse período já não se quer isso porque tem mais gente nas cidades."



16/02/2018

## Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá | Haus

João Ricardo de Castilho é técnico em restauro da Prefeitura de Paranaguá e um profundo conhecedor do palacete. É ele quem conta detalhes sobre os ambientes e as muitas vidas vividas ali. "Esse prédio é muito bonito, mas houve muitas intervenções durante os anos", diz ele, enquanto vai apontando algumas dessas intervenções. O teto do salão principal do andar superior foi um dos elementos que sofreram alterações. Hoje feito de madeira plana, o original provavelmente era uma abóbada moldada em barro. Outros pontos também dão sinais de modificação. Tanto que Imaguire afirma não conseguir entender como era a planta original. "Alguma coisa não está casando, não está conforme a tradição. É esquisito."



Em registro com anotação de 1908, o salão do segundo andar recebe uma reunião, possivelmente da Prefeitura ou da Câmara Municipal de Paranaguá. Foto: Reprodução

A confusão a respeito da divisão entre os ambientes acontece porque, depois de ter sido usado como residência familiar, o palacete do Visconde de Nacar abrigou a Prefeitura e a Câmara Municipal. Para cada novo uso, novas adaptações. A inclusão de um banheiro no segundo andar, por exemplo, obrigou que se erguessem paredes no térreo para sustentá-lo. Ao lado de uma das senzalas – o visconde mantinha cerca de 50 escravos na casa – uma escada tem corrimão feito com mãos francesas e mastro de bandeira. Até a cor do edifício foi alterada. Castilho critica a tonalidade amarelada do exterior. "Eu sou contra isso aqui. Tem que conservar como era. Aqui em Paranaguá muitas dessas casas antigas estão todas com a mesma cor, bege com salmão. Acho que não é por aí. Esse prédio aqui era azul e branco. As casas eram só caiadas, não tinha tinta colorida. Eles botavam o azul nas molduras, para ornamentar."



Divisória comum em repartições públicas foi usada para substituir antiga divisória de madeira do prédio. Foto: Reprodução

16/02/2018

## Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá | Haus

Uma história tão vasta torna o trabalho de resgatar a alma do palacete ainda mais complicado. "O palacete passou por várias fases na mão do visconde e várias fases na mão da Prefeitura. O que a teoria do restauro diz? Tudo isso tem que ficar evidenciado. Há muitas opções e é preciso se perguntar: 'o que eu vou deixar aqui?' Posso deixar isso ou isso. As duas coisas são reveladoras de uma determinada fase da história do prédio. Posso escolher qual vou deixar", explica Imaguire.



Sala de jantar é vista em foto sem registro de data. As curvas em madeira escura que sobrem até o teto parecem não fazer sentido, do ponto de vista de Imaguire. Como o teto parece ter sido rebaixado ao longo dos anos, o arquiteto acredita que elas pudessem formar um arco. Foto: Reprodução

Para a arquiteta Vânia Foes, da Secretaria de Cultura da cidade, a situação "não é tão ruim. A casa só precisa de restauro e adaptação às novas atividades. Essa degradação que tem lá não é nada estrutural". Falando pela Secretaria, ela informa que "o palácio foi objeto de um termo de referência para que a gente fizesse o restauro." Esse documento, segundo Vânia, foi elaborado junto com o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para que fosse possível fazer a licitação. O processo esbarrou na transformação da Fundação de Cultura de Paranaguá em uma Secretaria de Cultura. "O palácio é prioritário para restauro neste momento. Acredito que, depois que a licitação for definida, levemos no máximo um ano para acabar."



Enquanto a Secretaria de Cultura diz que a obra pode ser feita em um ano, o arquiteto Key Imaguire avalia que os danos são muito extensos para um prazo tão curto. Foto: Hugo Harada/Gazeta do Povo

A estimativa é otimista, se comparada à feita por Castilho. Ele fala em um prazo de cerca de dois anos e meio, período que Vânia calcula para todo o processo de restauro, desde a preparação da licitação até o fim das obras. Imaguire discorda de ambos. "É uma obra bem complicada, bem complexa. Toda hora você tem que parar, mandar para o laboratório uma casquinha para eles verem qual é a mais antiga. Em dois anos e meio não se faz."

16/02/2018

Abandonado, palacete que hospedou Dom Pedro vira casa para pombos em Paranaguá | Haus

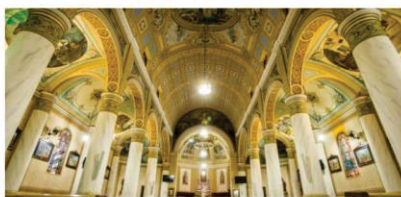
Outro ponto de discordância é a utilização do palacete do visconde depois do restauro. Para Castilho, o prédio deveria abrigar um museu municipal. Contrariando o desejo do técnico, Vânia diz que o plano é que o local seja a sede de uma das secretarias do governo municipal.



A tribuna original que, um dia, foi usada por camaristas e integrantes da Prefeitura da cidade, hoje está coberta de poeira e fezes de pombo. Foto: Hugo Harada/Gazeta do Povo

**\*Especial para a Gazeta**

**LEIA TAMBÉM:**



### Restauro de igreja em Santa Felicidade ajuda no resgate de cultura quase perdida

Com mais de 125 anos de tradição, a igreja do bairro mais italiano de Curitiba está sendo restaurada

## ANEXO B – MATÉRIA JORNALÍSTICA: PALÁCIO VISCONDE DE NÁCAR TEM GRANDE ÍNDICE DE DEPREDÇÃO

16/02/2018

Palácio Visconde de Nácar tem grande índice de depredação | Folha do Litoral



Ao todo, segundo o município, foi estimado que mais de 10 placas de bronze tenham sido roubadas. O próprio busto de Visconde de Nácar, que fica na entrada do prédio, possui alguns sinais que indicam a tentativa de furto. Além disso, o número de pichações também é grande no local e cada dia são percebidas em mais quantidade. “Chegamos várias vezes no Palácio e encontramos portas arrebentadas”, contou o diretor de Obras do município e técnico em restauro, João Ricardo Castilho. Ele trabalha diariamente no local como restaurador de peças do patrimônio local.

O busto da República, como foi chamado, que fica na área externa do Palácio, foi pichado com tinta preta após um restauro realizado por uma equipe que está no local para ajustar alguns itens da área externa. “Fizemos a parte de baixo, passamos impermeabilizante e tivemos que pintar e fazer todo o trabalho novamente”, disse Castilho.

### SEM PLACAS SEM FURTO

Para evitar que mais placas simbólicas sejam furtadas, as que ainda restam foram retiradas das paredes do prédio e guardadas em outro local. “São placas do Governo Estadual, aniversário da cidade, homenagem a algum prefeito, de feitos históricos e, provavelmente, levaram para derreter. As que sobraram tiramos para tentar preservar”, observou Castilho.

Um projeto para restauração foi aprovado pela Prefeitura de Paranaguá e a licitação está planejada para o mês de dezembro. Castilho contou que o prédio foi construído em 1856. Ele e mais duas pessoas estão no prédio fazendo o restauro de alguns detalhes da área externa. “Reformamos os dois bancos que estavam todos quebrados e, pelas fotografias, fizemos o mesmo desenho, que são as letras da baronesa MCG (Maria Clara Guimarães). Além disso, temos três painéis amarelos, que não estão tombados como patrimônio histórico, onde replicamos as iniciais dos bancos”, relatou. “Restauro é diferente de reforma. É um trabalho minucioso e demorado, no qual é preciso conhecimento”, finalizou.

**/ Veja também**

<https://folhadolitoral.com.br/palacio-visconde-de-nacar-tem-grande-indice-de-depredacao/#.WobPylrwbIU>

2/7



## ANEXO C – TERMO DE COOPERAÇÃO – DOAÇÃO DA ESCULTURA DO CARANGUEJO

<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/168259329/amp-16-11-2017-pg-117/pdfView>

Paraná , 16 de Novembro de 2017 • Diário Oficial dos Municípios do Paraná • ANO VI | Nº 1380

[www.diariomunicipal.com.br/amp](http://www.diariomunicipal.com.br/amp) 117

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO

TERMO DE COOPERAÇÃO

TERMO DE COOPERAÇÃO QUE ENTRE SI CELEBRAM CATTALINI TERMINAIS MARÍTIMOS S.A. E O MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ/PR PARA FINS DE DOAÇÃO PURA E SIMPLES DE BEM IMÓVEL.

CATTALINI TERMINAIS MARÍTIMOS S.A., pessoa jurídica de direito privado, inscrita sob o CNPJ nº 75.633.560/0001-82, com sede na Av. Coronel Santa Rita, nº 2677, Rocio, Paranaguá/PR, CEP 83.221-675, doravante denominado DOADOR, e MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ, pessoa jurídica de direito público interno, inscrito no CNPJ sob nº 76.017.458/0001-15, com sede na Rua Júlia da Costa, nº 322, Centro Histórico, representado neste ato pelo Secretário Municipal de Cultura e Turismo, Sr. Harrison Camargo, doravante denominado DONATÁRIO, e firmam o presente Termo de Doação, mediante as cláusulas e condições seguintes, consoante o contido no processo administrativo nº 35276/2017 e no artigo 2º da Lei Municipal nº 3650/2017:

### CLÁUSULA PRIMEIRA

O DOADOR, declara ser o proprietário legítimo do bem móvel consistente na escultura de um “caranguejo” que possuirá as seguintes características: 7 (sete) metros de largura por 3 (três) metros de altura, avaliado em R\$ 10.000,00 (dez mil) reais.

### CLÁUSULA SEGUNDA

É de livre e espontânea vontade do DOADOR, não existindo vício de vontade de qualquer pessoa, fazer a DOAÇÃO ao DONATÁRIO, a título gratuito, sem encargos ou condições impostas, do bem móvel descrito na Cláusula Primeira, transferindo desde já e irrevogavelmente ao DONATÁRIO todos os direitos de propriedade e domínio sobre o bem móvel.

### CLÁUSULA TERCEIRA

O DONATÁRIO afirma aceitar esta doação como rezado neste instrumento, para que lhe fique pertencendo o bem móvel doado pelo DOADOR, sem qualquer condição.

### CLÁUSULA QUARTA

O bem imóvel especificado na Cláusula Segunda será utilizado pela DONATÁRIA exclusivamente como monumento da praça xxxxxxxx, sem ônus ao Município de Paranaguá.

**CLÁUSULA QUINTA**

A doação não gerará para o Município de Paranaguá qualquer ônus, sendo expressamente vedado ao DOADOR o recebimento de recursos ou indenizações em virtude de doação prestada.

**CLÁUSULA SEXTA**

Não haverá qualquer divulgação publicitária em favor do doador, em relação à doação efetuada.

**CLÁUSULA SÉTIMA**

A doação será entregue na praça Mario das Dores Roque em 2017. E, por estarem de comum acordo, as partes assinam o presente instrumento, na presença de duas testemunhas abaixo, em 2 (duas) vias de igual teor e forma, para que se produzam todos os efeitos de fato e de direito.

Paranaguá, 14 de novembro de 2017.

Município de Paranaguá  
HARRISON CAMARGO  
Secretária Municipal de Cultura e Turismo  
Publicado por:  
Marcos Xavier Ribeiro  
Código Identificador:7942DE8A

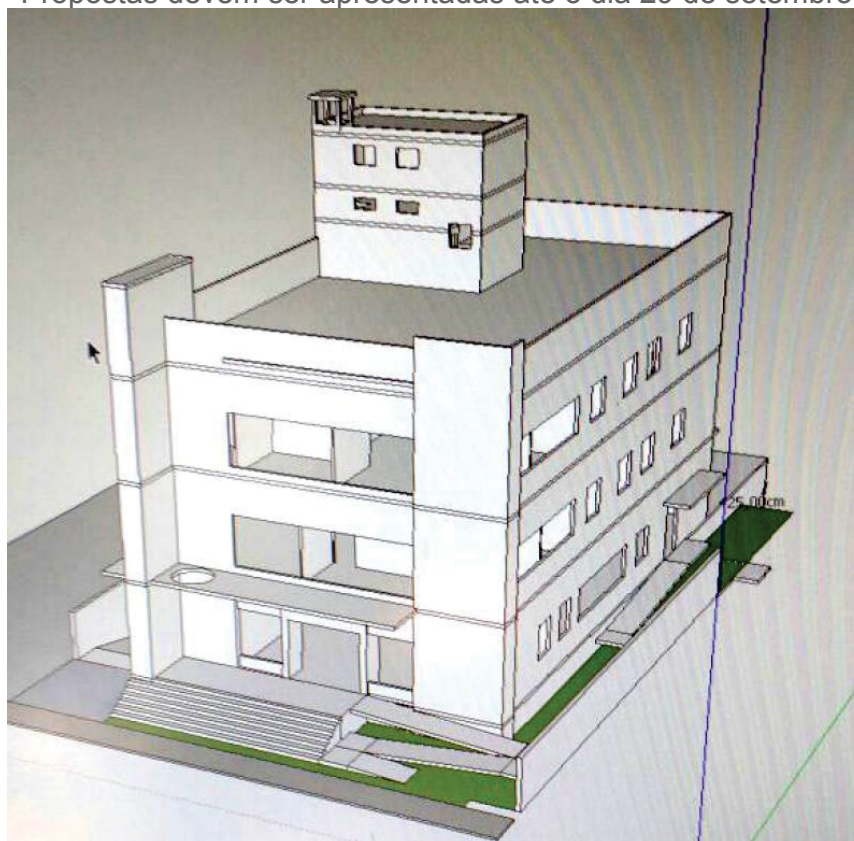
## ANEXO D- MATÉRIA JORNALÍSTICA: CONSTRUÇÃO DE NOVO PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA COM RECURSOS DO BID

<http://www.paranagua.pr.gov.br/noticias/noticia10240.html>

Publicado em 05 de Setembro de 2017

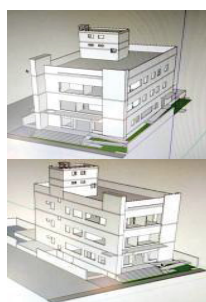
### Última obra com recursos do BID foi lançada em Paranaguá

Propostas devem ser apresentadas até o dia 29 de setembro



1 / 2

IniciarParar(1)



A Comissão Especial de Licitação da Unidade de Gerenciamento de Programas (CEL/UGP) de Paranaguá lançou comunicado nesta semana para todas as empresas interessadas, informando que se encontra disponível o Aviso, o Edital e demais documentos relativos à Licitação Pública Nacional (LPN) cujo objeto é a execução de obras de construção de um prédio administrativo ao lado da atual sede da Prefeitura de Paranaguá. "Parabenizo a equipe da UGP pela agilidade no trabalho das obras feitas com recursos do BID", disse o prefeito de Paranaguá, Marcelo Roque.

"Neste primeiro semestre conseguimos agilizar a entrega da recuperação total da Avenida Belmiro Sebastião Marques, prorrogar o prazo do contrato por mais um ano para que pudéssemos concluir todas as obras e damos mais um passo para isso com o lançamento do edital para esta nova obra", completou o prefeito.

O prédio será composto por subsolo, que servirá para garagens, pavimento térreo e mais dois andares de

pavimento que, de acordo com o Programa Integrado de Desenvolvimento Social e Urbano do Município de Paranaguá, servirá para concentrar todos os serviços ligados à Secretaria Municipal da Fazenda, juntamente com atendimento da população.

Esta nova obra faz parte do programa apresentado e financiado com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e terá área total de 1.850 m<sup>2</sup>. O prazo para entrega das propostas será até às 15h do dia 29 de setembro, na Sala da Comissão Especial de Licitação da UGP que fica na rua Ada Macaggi, 146.

"Estamos satisfeitos em cumprir com a determinação do prefeito e agilizar as demais obras com recursos do BID para que se cumprissem no prazo combinado. Nós conseguimos uma prorrogação e estamos trabalhando com toda a equipe da UGP para que os prazos estabelecidos sejam cumpridos porque isso também é etapa importante de todo o processo", explicou o coordenador José Maranhão Neto.

#### Passo a passo

O presidente da Comissão Especial de Licitação, Sebastião Renato Furtado, explica o passo a passo para ter acesso aos documentos necessários para participar do certame.

Os documentos podem ser obtidos em "editais de licitação 2017" e "aviso de licitação 2017" conforme está descrito abaixo:

Acessar o site [www.paranagua.pr.gov.br](http://www.paranagua.pr.gov.br) e acessar o link direto do Programa Integrado de Desenvolvimento Social e Urbano do Município de Paranaguá- BID- Unidade de Gerenciamento de Programas que fica no canto direito inferior da página ou no link que fica no Portal da Transparência no início da página da Prefeitura. Clicar em Acesso à informação, Licitações UGP/BID, Editais de Licitação, 2017, Edital LPN N° UGP/PMP 001/2017, Construção Prédio 1.850 m<sup>2</sup>.

Eventuais dúvidas poderão ser encaminhadas eletronicamente através do e-mail [cel.ugp@paranagua.pr.gov.br](mailto:cel.ugp@paranagua.pr.gov.br) e obrigatoriamente com cópia para [ugp@paranagua.com.br](mailto:ugp@paranagua.com.br); [ildeivan.ugp@paranagua.pr.gov.br](mailto:ildeivan.ugp@paranagua.pr.gov.br) e [jussimara.ugp@paranagua.pr.gov.br](mailto:jussimara.ugp@paranagua.pr.gov.br).

#### Serviço

A equipe da UGP fica na rua Ada Macaggi, 146, Bairro Campo Grande.  
Telefones: 3420-6108 e 3420-6109.

[> Encontre-nos no Facebook](#)

[> Veja os vídeos da TVPrefeitura em nosso Canal do YouTube](#)

**Jornalista: Luciane Chiarelli**

**ANEXO E: TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO: QUANDO OLHA PARA O CENTRO HISTÓRICO DE PARANAGUÁ, QUAIS SENTIMENTOS LHE VÊM À TONA?**

Abandono

História, passagem do tempo, estéticas misturadas, abandono.

nostalgia frustrada

Lindas obras nos foram deixadas mas sem o devido cuidado para sua preservação.

Admiração e beleza.

Descaso, descuido, falta de reconhecimento de que o Centro Histórico é importante, em diversos aspectos, para a nossa cidade e público (colaboradores do município, moradores e visitantes).

Paz, tranquilidade, satisfação

Saudades

Saudosismo e tristeza

Abandono

Tristeza pelo descaso dos poderes públicos pela preservação, cuidado e divulgação.

"Falta de cuidado, pouco aproveitado para potencializar o turismo na cidade.

Vejo que é uns dos cartões postais da cidade."

Encanto

Total abandono

Total abandono

Um sentimento triste devido a falta cuidado e valorização da nossa cidade.

Fico muito triste por ver uma cidade tão bonita abandonada. Com casarões em decomposição. Histórias e acontecimentos sendo perdidos ao tempo.

Saudades

Tristeza pelo descaso e desrespeito das autoridades e de alguns munícipes.

Tristeza pelo descaso

História

História

Tristeza

Pena, abandono, desdenho, vontade de esfregar a cara dos administradores no asfalto.

Indignação

Abandono

"Hoje, a maioria das construções precisam de restauro e pintura. Fora as que só possuem a fachada.

"

Descaso

Uma mistura de nostalgia e raiva.

Existe centro histórico??? A cidade não respeita e nem sabe sua história...

Saudades, nostalgia e revolta!

Que deveria ser mais valorizado pela nossa população e nossos governantes.

Gosto muito das belezas dos casarios, mas sem a devida conservação dão a impressão de abandono, porque muitos estão depredados e demolidos.

Gosto muito das belezas dos casarios, mas sem a devida conservação dão a impressão de abandono, porque muitos estão depredados e demolidos.

Orgulho e saudosismo

De muita tristeza, pois os proprios moradores não valorizam e o município muito menos, sendo que vários turistas que visitam as casas, questionam a má conservação do patrimônio histórico, que é responsabilidade do município, infelizmente é essa a realidade de hoje. Eu fico decepcionado.

Sinto-me feliz em observar uma parte importante do nosso Estado e de nossa Cidade, também me sinto preocupado em relação à preservação, manutenção e restauro.

Abandono, descaso

Mal cuidado

Mal cuidado

Profunda tristeza e lamentação, por algo tão rico histórica e culturalmente, privilegiado por uma bela paisagem, em tamanho abandono.

Local com potencial mas abandonado

Sentimento de pena! Os prédios são precários, as ruas são mal cuidadas; há lixo por toda a parte e as praças, que deveriam ser ambientes agradáveis, cheiram urina. A população não colabora em nada.

O descumprimento da Constituição Federal e do Estatuto da Cidade que prevêm a preservação do patrimônio público, resultou no centro histórico abandonado pelo Poder Público e pelos proprietários.

Angústia! Uma cidade histórica, linda, sem administradores que façam juz ao seu potencial. Um descaso para todo mundo ver.

Indignação

Nostalgia.

Nostalgia

Lembranças do passado

Nostalgia

Abandono

Falta cor e cuidados com a manutenção

Abandono

De descaso das autoridades. Potencial desperdiçado. De empregos não gerados.

História do Brasil

abandono

Degradacao/ baixo investimento em cultura e preservacao historica/ perda de oportunidade de negocios turisticos

Encanto pelas antigas construções, mas tristeza pelo estado de conservação

depredação

Tristeza

O reflexo do país...Sem comprometimento algum com a cultura e memória

Desleixo

Um conjunto arquitetônico que não deixa nada a desejar em relação a outras cidades históricas , ,porem completamente abandonado pelo setor público

Bonito

Sinto dó, o cheiro é horrível, tem muitos moradores de rua dormindo e fazendo suas necessidades em plena rua, os casarios estão degradados, mas o pior de td é o cheiro horrível das ruas

Um pouco de abandono com a arquitetura histórica

Revolta



## ANEXO F: TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO: NA SUA OPINIÃO QUAL A IMPORTÂNCIA DO CENTRO HISTÓRICO PARA A CIDADE?

Um território detentor da memória e da história da cidade que se encontra em estado de abandono !

preservação de sua beleza histórica para o turismo

As edificações refletem uma linda imagem cultural e artística da época e a preservação do centro histórico significaria a preservação de uma parte da história não apenas de Paranaguá, mas também do Paraná e do Brasil.

O centro histórico é a nossa identidade. Através dele podemos ver o nosso passado.

Tem importância como patrimônio, para que o parnanguara possam valorizar questões culturais, também é importante para utilizar em ações com visitantes, trazendo maiores resultados na área de turismo da cidade.

É um dos nossos cartões postais, poderia ser muito melhor utilizado para fins turísticos

Única referência arquitetônica de sua época

o centro histórico é fundamental para o comércio geral da cidade, mas sua importância histórica e a possibilidade da exploração turística são extremamente renunciados.

Importância vital

De suma importância pela preservação da história da cidade.

Importante por ser um patrimônio histórico, rico em história, rico em beleza cênica.

Ele é o registro da memória da cidade.

É o coração da cidade onde deveria ser restaurado para fins turísticos, artísticos etc

É o coração da cidade onde deveria ser restaurado para fins turísticos, artísticos etc

A identidade própria de sua cidade

De suma importância. É cartão postal da cidade. Pelo menos deveria ser.

Area turística

Ele é parte de nossa identidade, ali nossa cidade começou. Ali aconteceram coisas que mudaram a Cidade, o Estado e talvez o País

Muito importante pois conta um pouco a história da cidade

Patrimônio nacional

Turismo

Fundamental para manter viva a história da nossa cidade.

Toda, pois é uma cidade histórica, porém abandonada, muito triste.

Importância extrema para a transformação da cidade e da melhora da vida das pessoas. Se houvesse uma preservação real e valorização do Centro Histórico, via políticas públicas, talvez as pessoas conheceriam melhor a história do país e de sua cidade, atravessada pela violência, escravidão, tráfico de escravos, enriquecimento ilícito de famílias escravistas, racismo, repressão do Estado, sonegação de impostos e corrupção entre propriedade privada e Estado. Um problema de longo prazo, que estende-se até hoje.

Grande. Uma cidade sem História perde sua identidade cultural.

Seria uma grande referência para fomentar o turismo na nossa cidade.

Turismo e renda

O centro histórico é a história viva. A história materializada. Culturalmente e sentimentalmente falando, o centro histórico deveria ser prioridade de preservação e divulgação.

Simplesmente a memória do início da civilização paranaense, além de lar de diversas etnias nativas indígenas hoje destruídas em suas tradições...

É de importância a todas as atividades locais, e claro seu valor histórico, cultural.

Toda a história da nossa cidade que vai ficar para nossos filhos e netos, por isso devemos preservar.

Ali está registrado nos monumentos a história da cidade.

Ali está registrado nos monumentos a história da cidade.

Tem importância histórica e teria um grande valor turístico pouco aproveitado.

Á importância e enorme, eu que trabalho em umas das casas, vejo a quantidade de turistas que te reclamam, e não podemos dizer nada pra amenizar esse fator.

Nos aspecto Histórico, Cultural, Pesquisa, Turismo, Cidadania.

Uma importância não só para a cidade como para o estado, pena ter sido arrasaada a maioria dos casarios antigos da cidade, até uma igreja antiga no centro foi demolida.

Guardar a história de Paranaguá e do estado do Paraná e atrair o turismo local.

"Essa é uma cidade que teve participação na fundação do Brasil.

Valor inestimável."

Várias! Mas principalmente os fatos históricos da colonização, a passagem dos Jesuítas, a arquitetura colonial etc.

Muito grande. É uma riqueza cultural e turística.

Se fosse bem cuidado, seria lindo

Se fosse bem cuidado, seria lindo

Trata-se do berço da civilização paranaense, imensamente importante não só para a população de Paranaguá, mas para toda nação.

essencial

A importância é plena. Os seus prédios confundem-se, de certo modo, com a história do Paraná. Eles nos permitem reviver a história passada, viver o momento presente, enquanto idealiza-se o futuro.

Além de guardar a memória da história coletiva, os usos e costumes, as riquezas culturais e, especialmente a identidade do povo parnanguara; o centro histórico pode ser um vetor importante do desenvolvimento socioeconômico de Paranaguá por meio da atividade turística que pode gerar renda e empregos por meio da atração de visitantes tendo como produto de consumo esse espaço geográfico, desde que, conservado e revitalizado.

formação cultural e preservação da história

Além da história que só essa cidade tem, cada cidade tem a sua, inigualável, há que preservar para estudos antropológicos, arqueológicos, arquitetônicos, sociológicos e de planejamento urbano em área portuária, cercada por mananciais e áreas de preservação permanente. Toda cidade portuária tem uma história poderosa de incorporação de migrantes e de pujança/decadência econômica que merece ser contada.

Marco histórico do Paraná, turística

Extrema importância histórica, turística, patrimonial.

É a alma da cidade, bem como sua identidade

A sua história.

social, cultural e econômico

Resgate histórico da cidade e do estado

É de suma importância, pois a história faz parte do presente e futuro

Fundamental para o desenvolvimento socioeconômico do município

História da cidade mãe do Paraná

Essência da cidade

Cultural, contexto histórico local

Conta tbm a história de um povo, de um local de um sonho de suas mazelas e vitórias partilhadas, em fim representa o que foi errado e certo com o progresso em suas ruas e fachadas.

Fundamental

Memória da cidade e do Estado do Pr

Muito importante, pois conota o que tem de Paranaguá fora o porto, moradores cultura e história da cidade!

Máxima importância

A cultura de um povo

Garantia da preservação do povo parnanguara ,paranaense e brasileiro

## ANEXO G: TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO: O QUE ESTE EDIFÍCIO REPRESENTA PARA VOCÊ?

Uma elite escravocrata mas que tbm participa da memória da cidade.

História e beleza.

prej.

Parte da história de Paranaguá

Esse prédio representa o período mais próspero que Paranaguá viveu. Tanto na esfera comercial como política.

Tinha uma árvore linda na parte de trás e ela foi cortada! Essa é a coisa mais marcante para mim, quando lembro do lugar. É engraçado, mas é verdade.

Antiga Câmara Municipal

"

Ele está na rua onde eu morava...

Tristeza pelo descaso...."

atualmente o descaso com nossa história

Tristeza, pois é um monumento maravilhoso e está abandonado

História.

História e arquitetura histórica

Representar a beleza e a riqueza da época. Faz questionar o passado e sonhar. Além disso, lembro do tempo em que havia sessões da Câmara Municipal. Era interessante.

O povo Paranaguá

O povo Paranaguá

A história política de Paranaguá

Toda a beleza da arquitetura de antigos casarões

Lembrança, meu sogro trabalhava nesse local.

É parte da minha infância, pois ele sempre esteve ali desde que me conheço por gente.

História

História política da cidade e do estado

Faz parte da história da cidade

História Política

História

Violência, racismo e exploração.

Parte da nossa história.

Representa um período histórico importante da cidade e que precisa ser resgatado, para a manutenção da memória cultural da cidade e do povo parnanguara.

Pátio lindo

Quando eu era criança costumava pular o muro e invadir pra fuçar. Naquele época estava tudo podre, imagino hoje. Uma pena. Um desperdício.

Representa força, engenhosidade é o zelo profissional em sua construção que não existem mais...

Riqueza estética

Um dos prédios conhecidos , mas não lembro de nenhum acontecimento.

Faz parte da história da cidade e precisa ser conservado.

Faz parte da história da cidade e precisa ser conservado.

Nada

Um patrimonio muito bonito para cidade numa localizacao previligada.

Um local importante para a sociedade Parnanguara, onde o Poder Público esteve presente. Parte importante da História da Cidade mais antiga do Paraná, que também carece de cuidados urgentes.

"Este edifício não deveria ter sido abandonado, tem muita história em suas paredes deve ser restaurado, como a PGUA toda deveria entrar em processo de restauração, para com isso aproveitar de sua história e se tornar um atrativo turístico.

"

Nada

Nada

Representa, a um, a imensa riqueza histórica e cultural da cidade de Paranaguá; a dois, o descaso da administração pública frente a tamanha preciosidade, deixando-o perecer com o tempo, assim como ocorre com todo o centro histórico.

ponto historico e cultural

Nada a declarar

Tenho gosto pela história política. Conheci o edifício enquanto funcionava ali a Câmara de Vereadores. Acho que, sendo antigo Palácio que simboliza a

aristocracia defensora da autonomia da Província do Paraná , o prédio com a sua arquitetura clássica tem uma mística histórica que nos conduz a imaginar como vivia a sociedade de Paranaguá naquela época. O prédio era centro do movimento separatista do Paraná em relação a Província de São Paulo e tinha em Paranaguá as suas grandes lideranças. O movimento foi vitorioso, mas os paulistas puniram Paranaguá por isso e escolheram Curitiba para ser a sede da nova província. Essas histórias me fascinam.

Sei que funcionou a câmara de vereadores, que é um prédio lindo e esquecido.

Representa um período histórico de desenvolvimento e riqueza

Riqueza de fatos históricos.

Não

Valor histórico

Patrimônio

Escola

Cultural local

A burguesia parnanguara.

Emoção

Colonização

abandono

nao conheco

Nao

história

..

Um momento único para o futuro em preservar e se comprometer com a história local através de seus representantes de antes e depois agora....artista que fizeram e fazem a diferença.

História

Memória

Um prédio arquitetônico antigo!

Nada, só acho bonito

História

A vida contada pela arte